



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TRIÂNGULO MINEIRO – *CAMPUS* UBERABA  
Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica  
Mestrado Profissional em Educação Tecnológica

DANIELLA SILVA DOS ANJOS

**O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO FEMININO DE  
ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO NO  
BRASIL (2016-2021)**

Uberaba  
2023



DANIELLA SILVA DOS ANJOS

**O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO FEMININO DE ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO NO BRASIL (2016-2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia – Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques

Uberaba  
2023

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Referência do IFTM –  
Campus Uberaba-MG

A58e Anjos, Daniella Silva dos  
O estado do conhecimento sobre estudos de gênero feminino de  
estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio no Brasil  
(2016-2021) / Daniella Silva dos Anjos – 2023.  
103 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques  
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Tecnológica) -  
Instituto Federal do Triângulo Mineiro- Campus Uberaba- MG, 2023.

1. Identidade. 2. Gênero feminino. 3. Cursos técnicos integrados ao  
ensino médio. 4. Educação profissional e tecnológica. 5. Educação  
integrada e ensino profissional. I. Marques, Welisson. II. Título.

CDD 305.23

**ATA N. 4 / 2023 DE APRESENTAÇÃO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO NÍVEL *STRICTO SENSU* – MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERABA.** Aos dezessete dias do mês de março de dois mil e vinte e três, às treze horas, na Sala de videoconferência <https://meet.google.com/dts-escy-inv>, reuniu-se a Banca Examinadora sob a presidência do **Prof. Dr. Welisson Marques** e com a participação do **Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas** e convidado **Prof. Dr. Bruno Franceschini** da UF Catalão-GO, para avaliar a Defesa da Dissertação da Mestranda **DANIELLA SILVA DOS ANJOS**, como requisito final para a conclusão do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica, de acordo com a Resolução 30/2016, de 07 de julho de 2016, que dispõe sobre Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação do IFTM; e com a Resolução 31/2017, de 24 de agosto de 2017, que contém o PPC do curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica. A presente defesa de Dissertação de Mestrado tem como Título: **“O estado do conhecimento sobre estudos de gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio no Brasil (2016-2021)”**, pesquisa desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Welisson Marques. Após a avaliação pela banca, a mestranda foi considerada **APROVADA**. Para registro, eu Prof. Dr. Welisson Marques, lavrei a presente Ata que, depois de lida e aprovada vai assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

**Obs:** a Candidata obteve a nota final de 95,0 pontos (de um total de 100,0 pontos).

#### BANCA EXAMINADORA

NOME	INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO
<b>Prof. Dr. Welisson Marques</b>	IFTM Campus Uberaba	ORIENTADOR(A) / PRESIDENTE
<b>Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas</b>	IFTM Campus Uberaba	Membro
<b>Prof. Dr. Bruno Franceschini</b>	UF Catalão-GO	Membro

WELISSON MARQUES  
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por BRUNO FRANCESCHINI, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO - MEMBRO EXTERNO DE BANCA DE DEFESA DE MESTRADO/ESPECIALIZAÇÃO, em 20/03/2023, às 20:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS  
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 21/03/2023, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://www.iftm.edu.br/autenticacao/> informando o código verificador **37C4886** e o código CRC **740DA674**.

Referência: NUP: 23200.002336/2023-51

DOCS nº 0000465476

*DANIELLA SILVA DOS ANJOS*

**O estado do conhecimento sobre estudos de gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio no Brasil (2016-2021)**

**FOLHA DE APROVAÇÃO – DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Data da aprovação: 17/03/2022

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:**

**Prof. Dr. Welisson Marques**

IFTM - Campus Uberaba

**Membro Titular**

**Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas**

IFTM- Campus Uberaba

**Membro Titular**

**Prof. Dr. Bruno Franceschini**

UF - Catalão-GO

**Local** – IFTM *Campus* Uberaba – Uberaba/MG

WELISSON MARQUES  
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

---



Documento assinado eletronicamente por WELISSON MARQUES, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 05/04/2023, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS  
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 05/04/2023, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

BRUNO FRANCESCHINI  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO - MEMBRO EXTERNO DE BANCA DE DEFESA DE  
MESTRADO/ESPECIALIZAÇÃO



Documento assinado eletronicamente por BRUNO FRANCESCHINI, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO - MEMBRO EXTERNO DE BANCA DE DEFESA DE MESTRADO/ESPECIALIZAÇÃO, em 05/04/2023, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://www.iftm.edu.br/autenticacao/> informando o código verificador **9131617** e o código CRC **C949421F**.

Referência: NUP: 23200.002731/2023-33

DOCS nº 0000474892

*À minha família, nas figuras de minha mãe, Rosa Maria da Silva, de meu pai, Gilberto Antônio dos Anjos (in memoriam) e de minhas irmãs e irmão por todo apoio, carinho e confiança em mim depositados. Vocês são o alicerce de minha vida!*

*Á minha esposa, Cristiane Brandão Cobo, e à nossa filha, Augusta Brandão Cobo dos Anjos, pela paciência, dedicação e amor dedicados a mim em toda minha trajetória. Nosso núcleo familiar brinda luz e felicidade à minha existência!*



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço **a Deus** pelo dom da vida e pelas constantes oportunidades de aprendizado com que sou presenteada todos os dias.

**À linha de pesquisa Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia - Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica** do Programa de Pós-Graduação do IFTM, pela estimulante e significativa formação acadêmica ofertada.

**Aos servidores** do Programa de Pós-Graduação em Educação do IFTM, pela colaboração constante e apoio a todo o vivido nesses tempos de pandemia.

**Aos colegas de minha turma** e a todos aqueles que comigo colaboraram, pela parceria e afeto na construção do conhecimento.

**Ao professor Dr. Welisson Marques, meu orientador**, pela paciência com que me brindou nos momentos difíceis por que passei e pela sabedoria nas orientações dadas para que essa dissertação se concretizasse.

**Aos professores Dr. Anderson Bretas e Dr. Bruno Franceschini**, professores convidados para minhas bancas de Qualificação e de Defesa, pela generosidade e cuidado nas elucidações dadas e pelas valiosas contribuições para melhorias em meu trabalho.

## RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021). Fazem parte do referencial teórico: adolescência por Contardo Calligaris e Pierre Bourdieu; educação profissional e tecnológica por Demerval Saviani; formação integral por Maria Ciavatta e Moacir Gadotti; identidade por Joel Candau, Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva; gênero por Judith Butler; mulher no Brasil por Mary dell Priori e modernidade líquida por Zigmunt Bauman. Para melhor definir as buscas desse Estado do Conhecimento, foram elencadas as seguintes perguntas de pesquisa: Qual o estado do conhecimento encontrado e os principais resultados que tratam sobre estudos de identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil, no período de 2016 a 2021? Existem lacunas para estudos posteriores na área, isto é, que articulem a proposta de formação integrada (Ensino Médio Integrado), identidade e gênero feminino? O foco desse trabalho foram pesquisas do gênero teses e dissertações disponíveis no Portal de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) publicadas, entre os anos de 2016 e 2021, por instituições educacionais do Brasil. A Metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, por meio do estado do conhecimento, cujo objetivo é uma revisão crítica, específica e analítica da temática abordada, conforme propõe Morosini e Fernandes (2014). Ela divide-se em 5 etapas consecutivas: a leitura flutuante, em que foram buscados individualmente e, depois, agrupados, os seguintes descritores: “Identidade”, “Gênero Feminino” e “Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio”; a Bibliografia Anotada em que guardam-se as informações mais gerais das pesquisas encontradas. Seguindo-se a ela, tem-se a Bibliografia Sistematizada, em que se inicia uma seleção mais específica para a temática do objeto e construção do estado do conhecimento. Na terceira etapa, a Bibliografia Categorizada, faz-se o agrupamento dessas produções por temáticas que irão gerar as Categorias nomeadas por critérios selecionados pelo autor da pesquisa buscando unir diferentes pesquisas dentro de um mesmo conjunto. Por fim, a Bibliografia Propositiva, última etapa dessa análise, em que há o condensamento dos resultados encontrados em cada Categoria e a proposição de estudos emergentes à cerca da temática que foi objeto desse estado do conhecimento. Cumpridas essas 5 etapas metodológicas, pode-se concluir que, uma vez articulando *Gênero feminino à Identidade*, é emergente a necessidade de que se realize uma formação integral nas instituições de ensino a fim de que sejam estimuladas visões críticas sobre a realidade em que se vive e para que se pense em novas formas de ser e de viver nos dias atuais. Principalmente quando se pensa no ensino que é ofertado nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio brasileiros que trabalham com esses adolescentes, na maioria das vezes, em período integral. Contudo, priorizando conteúdos científicos e técnicos, em detrimento da valorização das experiências vivenciadas nas relações que se mantêm em grupo ou individuais.

Palavras chave: Identidade, Gênero Feminino, Cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, Educação profissional e tecnológica, Educação integrada e Ensino profissional.

## ABSTRACT

This research aims to carry out a survey of the State of Knowledge on the identity and female gender of students of technical courses integrated into High Schools in Brazil between the years of two thousand and sixteen (2016) and two thousand and twenty-one (2021). The following are part of the theoretical framework: adolescence by Contardo Calligaris and Pierre Bourdieu; professional and technological education by Demerval Saviani; comprehensive training by Maria Ciavatta and Moacir Gadotti; identity by Joel Candau, Stuart Hall, and Tomaz Tadeu da Silva; gender by Judith Butler; a woman in Brazil by Mary dell Priori and liquid modernity by Zygmunt Bauman. To better define the searches of this State of Knowledge, the following research questions were listed: What is the state of knowledge found and the main results that deal with studies of identity and female gender of students of technicians integrated into High School in Brazil, in the period from 2016 to 2021? Are there gaps for further studies in the area, that is, those that articulate the proposal for integrated training (Integrated High School), identity, and female gender? The focus of this work was research of the theses and dissertations genre available on the Search Portal of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) published, between the years 2016 and 2021, by educational institutions in Brazil. The methodology used was bibliographical research, through the state of knowledge, whose objective is a critical, specific and analytical review of the theme addressed, as proposed by Morosini and Fernandes (2014). she divides into five consecutive stages: floating reading, in which the following descriptors were individually searched and then grouped: "Identity", "Female Gender" and " Technical Courses Integrated to High School"; the Annotated Bibliography in which the most general information on the research found is kept. Following is the Systematized Bibliography, in which a more specific selection for the theme of the object and construction of the proposed state of knowledge begins. In the third stage, the Categorized Bibliography, these productions are grouped by themes that will generate the Categories named by criteria selected by the research's author, seeking to unite different researches within the same set. Finally, the Propositive Bibliography, the last stage of this analysis, in which there is a condensation of the results found in each Category and the proposition of emerging studies about the theme that was the object of this state of knowledge. Once these five methodological steps have been completed, it can be concluded that once the *feminine gender* is articulated to *Identity*, the need emerges for comprehensive training to be carried out in educational institutions to stimulate critical views about the reality in which we live and to think about new ways of being and living nowadays. Especially when one thinks about the teaching offered in technical courses integrated into Brazilian high schools that work with these adolescents, most of the time, full-time. However, prioritizing scientific and technic content, to the detriment of valuing the experiences lived in relationships maintained in groups or individually.

Keywords: Identity, Female Gender, Technical courses integrated into high school, Vocational and technological education, Integrated education and Vocational education

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – A evolução do <i>homo sapiens</i> ao <i>homo consumens</i> .....	22
<b>Figura 2</b> – Além do gênero binário .....	40

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Levantamento Inicial .....	65
<b>Tabela 2</b> – Bibliografia Anotada .....	67
<b>Tabela 3</b> – Bibliografia Sistematizada .....	72
<b>Tabela 4</b> – Bibliografia Categorizada .....	77
<b>Tabela 5</b> – Bibliografia Propositiva .....	81

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO I	
<b>A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA NA MODERNIDADE.....</b>	<b>24</b>
1.1 Modernidade Líquida .....	25
1.2 Educação Profissional Tecnológica .....	30
1.3 Formação Integral .....	33
CAPÍTULO II	
<b>A IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININO NA ADOLÊSCENCIA .....</b>	<b>37</b>
2.1 Identidade .....	37
2.2 Questões de Gênero .....	44
2.3 Gênero Feminino .....	49
2.4 Adolescência .....	54
CAPÍTULO III	
<b>METODOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO CONHECIMENTO .....</b>	<b>63</b>
CAPÍTULO IV	
<b>PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS E RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
4.1 Leitura Flutuante .....	70
4.2 Bibliografia Anotada.....	72
4.3 Bibliografia Sistematizada .....	77
4.4 Bibliografia Categorizada .....	83
4.5 Bibliografia Propositiva .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92
ANEXOS .....	100

## INTRODUÇÃO

Expressar o pensar e o sentir pela escrita é uma das artes que mais aprecio. A literatura, uma de suas vertentes, nos leva a caminhos desconhecidos, inimagináveis, fantásticos e, muitas vezes, belos e reconfortantes. Por isso, antes de iniciar com o tema proposto nessa pesquisa, trarei parte de minha trajetória pessoal vivida até aqui com o intuito de transmitir um pouco desse prazer que sinto com a escrita enquanto me dedico a traduzir em palavras parte de tudo o que vivi e experimentei nesse programa de pós-graduação *stricto sensu*.

Ingressar no mestrado era um desejo que acalentava desde há muito. Mas havia outros sonhos que ocupavam meu ser nos últimos anos. Casar-me, formar uma família, assentar-me de volta em minha cidade natal eram alguns deles.

Depois de quinze anos em Brasília/DF, cidade para a qual me mudei com o intuito de cursar minha graduação, sentia que me encontrava entre trabalhos, círculos sociais e amigos que, apesar de importantes, não mais me preenchiam.

Contra muitas opiniões de que essa volta à Uberaba/MG seria um retrocesso, principalmente no que tange o aspecto profissional, segui meu instinto e, em 2012, estava de volta. Ao longo desse ano, consegui me estabelecer profissionalmente e, um dos espaços que aceitou minha colaboração foi a Educação a Distância (EAD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM).

À época, trabalhava com os Cursos Técnicos da Rede e-Tec Brasil e fui muito bem recebida pelo corpo docente e equipe gestora que trabalhavam diretamente comigo. Nesse ambiente, identificava que havia um real esforço para oferecer uma educação significativa, de qualidade e transformadora para seus estudantes.

Os anos avançaram e consegui me efetivar como docente na Prefeitura de Uberaba, dar continuidade ao meu trabalho em EAD no IFTM mas, agora, com os cursos ofertados pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). Casei-me e, finalmente, em 11 de outubro de 2018 dei a luz à minha filha Augusta.

Com ela, descobri que poderia transformar em realidade qualquer sonho que tivesse e, muito mais confiante e livre para buscar os desejos que ainda estavam latentes em meu ser, prestei o processo seletivo para esse mestrado e, qual não foi minha surpresa ao ver que havia nele ingressado.

De lá pra cá, descobri que trabalhar no IFTM é muito bom. Mas, estudar nele, é melhor ainda! Como tenho aprendido e evoluído com esse grupo docente tão preparado e comprometido com uma pós-graduação que liberta, expande limites e nos engrandece sobremaneira.

Em agosto de 2019, ainda assustada com aquele termo de compromisso que assinamos no nosso primeiro encontro, sentia a responsabilidade de estar na turma VI desse curso e me embriagava com tantas perspectivas de crescimento.

Naquele semestre, deparei-me com a generosidade do professor Dr. Otaviano Pereira e com seu olhar intenso e profundo sobre a Educação e a docência na disciplina Metodologia e Pesquisa Científica em Educação Tecnológica. Nela, refletimos e repensamos a educação como nunca havia vivenciado antes. Na primeira aula fui às lágrimas com o texto “O Professor Burrim e As Quatro Calamidades” de José Veiga e, do início até o fim da disciplina, não houve uma aula em que não saísse impactada e muito estimulada a transformar minha docência.

Com o professor Dr. Geraldo Lima, na disciplina de Epistemologia e Ciência em Educação, descobri que a filosofia era tão tangível e real quanto tudo o que nos rodeia. De forma clara e com muita simpatia, ele conseguia traduzir textos que pareciam ininteligíveis e nos fazer perceber como todos os filósofos e suas teorias, de René Descartes à Zigmunt Bauman, impactavam, ainda hoje, em nosso cotidiano e cultura.

Em Seminários de Pesquisa I, disciplina que esteve a cargo do professor Dr. Welisson Marques, comecei a entender o que é, como se fundamenta e quais as normas para a realização de uma pesquisa que culminará em uma dissertação. Não foi fácil apresentar meu projeto, receber críticas para seu aperfeiçoamento e me familiarizar com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Mas, se não fosse todo esse caminho e o que nele aprendi, nunca conseguiria concluir essa dissertação.

Em relação à disciplina do professor Dr. André Lemos, Tecnologia, Informação e Comunicação na Educação, houve um estranhamento inicial. Sou licenciada em Computação pela Universidade de Brasília e, enquanto estudante ou mesmo como professora substituta nessa Instituição, nunca havia visto a tecnologia e a própria computação sob o viés trazido por ele. Foi como se derrubasse uma série de



conceitos para reestruturá-los em pouco tempo e esse processo, apesar de bem difícil, me trouxe um engrandecimento profissional e pessoal.

No segundo semestre, cursei a disciplina do professor Dr. Anderson Bretas, Filosofia da Ciência e da Tecnologia, e me encantei com seu olhar humano e afetuoso para com todos os discentes. Nela, estudamos mais alguns filósofos e como me surpreendi com ainda mais elementos para expandir os conceitos de educação, filosofia e magistério. Vivemos, no decorrer da mesma, o isolamento social causado pela pandemia da COVID-19 e tivemos que nos adaptar a novas relações de sala de aula. Não foi fácil, principalmente porque fui acometida por essa doença e senti bastante seus efeitos em meu corpo.

Seguiu-se a ela, no mesmo modelo de aulas por reuniões virtuais transmitidas pelo “Meet”, outra disciplina do professor Dr. Otaviano Pereira, Ensino: Processos e Relações na Educação Tecnológica, que nos trouxe um panorama geral da educação no Brasil, desde o início de sua exploração por Portugal até o século XXI. Ainda nos levou a conhecer a educação na China, o Big Data e a ciborguização. Quanto aprendizado em meio a tanta mudança.

Ainda sob a devastação causada pela pandemia da COVID-19, cursei Seminários II com o professor Dr. Adriano Eurípedes Medeiros Martins que, com seu olhar atento, respeitoso e muito cuidadoso, aprofundou as questões pertinentes relacionadas ao fazer da pesquisa e à construção da dissertação. Um processo nada fácil, mas que essa disciplina transformou em prazeroso e possível! Os apontamentos individuais realizados foram muito importantes nesse processo.

Em Trabalho, Educação e Identidade Profissional, disciplina optativa ministrada pelo prof. Dr. Welisson Marques, ampliei minha visão sobre cada uma dessas temáticas e, mesmo tendo sido contaminada pela segunda vez pelo vírus da Covid-19, senti, no convívio com estudantes que estavam almejando o ingresso nesse programa de pós-graduação, uma profunda gratidão por cada momento vivido e por tanto aprendizado acumulado em tão pouco tempo.

Não posso deixar de trazer o quanto aprendi e cresci com meu orientador, professor Dr. Welisson Marques, em Orientação I, II, III e IV. No decorrer dessas disciplinas consegui, depois de um árduo trabalho, definir o tema e demais questões pertinentes para o desenvolvimento e escrita de minha dissertação. Além de começar a dar corpo e substância ao texto. Ele foi de fundamental importância para

que eu conseguisse formalizar minhas ideias nesse texto que hoje lhes apresento. Sou muito grata a toda sua paciência e dedicação! Ele me inspirou a não desistir dessa escrita acadêmica, mas encará-la como o resultado de um processo difícil, mas muito prazeroso também!

Gostaria de deixar expressa minha gratidão não só aos docentes que me acompanharam até aqui, como também aos meus colegas de turma. Ter um grupo de pessoas que, respeitando as especificidades de cada um, estão passando pelo mesmo processo que eu, foi muito acolhedor. Esse grupo transbordou as salas de aula para se transformar em verdadeiros amigos. E como foram importantes em momentos de tanta incerteza e desafios.

Cursar um mestrado em tempos de pandemia foi muito difícil. Foram tantas inquietações, temores, poucas previsões otimistas para o futuro e uma obrigatoriedade desumana de transformação e adaptação a novas condições de trabalho, principalmente para quem exercia o magistério, que sentia-me, por vezes, angustiada e sobrecarregada. O Teletrabalho, assim nomeado por muitas instituições de ensino, não cobrava uma reinvenção do professor, mas uma adaptação abrupta e verticalizada a um novo modo de ensino que também foi responsável por aumentar as desigualdades do sistema educacional brasileiro.

Em meio a essa nova estruturação de aulas online, atividades remotas e uma avaliação que ainda não se entendia, estudantes e docentes clamavam por um lado humano que foi, muitas vezes, negligenciado. E voltar às salas de aula depois de ter vivido praticamente dois anos em suspenso não tem sido fácil. São muitas defasagens educacionais que se estruturam, em parte, em vivências de perdas, desalento, inconstância e dificuldades de diferentes ordens que, sobremaneira, impactam em atores educacionais com um emocional mais fragmentado e fragilizado.

Nessa nova realidade pós-pandemia, estudantes, docentes e toda uma ordem de hierarquia nas equipes gestoras educacionais apresentam suas dificuldades que vão desde um número muito maior de atestados médicos até a busca incessante pelo prazer em um fazer pedagógico que exige adequações, preparo e persistência para, mais uma vez, se reinventar e alcançar resultados satisfatórios.

Para mim, então, o ano de dois mil e vinte e dois veio com mais um desafio. Depois de certificada por um concurso que aconteceu de 2021 pela Secretaria de

Educação da Prefeitura Municipal de Uberaba, desde janeiro de 2022, estou como gestora de uma escola de educação infantil municipal da cidade que têm quinhentas e oito crianças matriculadas e quase noventa servidores. Esse primeiro ano de novas experiências e aprendizados tem reforçado o quanto a educação necessita de humanização, respeito, compaixão e afeto nessa retomada que nos tem exigido bastante.

E é por isso que trabalhar nesse texto foi uma experiência única! Nunca havia imaginado que um processo de pesquisa teria tanta força para transformar a realidade. Desde que o comecei, mudei minha forma de ver a mim e aos demais. Escolhi temas como identidade, gênero e suas implicações quando relacionados aos cursos técnicos integrados ao ensino médio, pois intuía a relevância que eles poderiam alcançar em uma pesquisa.

Porém, nesse processo, ampliei minha compreensão sobre o que compõem e como se constroem as identidades individuais e coletivas; sobre como as questões relacionadas ao gênero são múltiplas e impactam profundamente nas sociedades, principalmente no que tange ao gênero feminino; e como o trabalho desses temas é importante para uma instituição educacional que busca, para além da formação técnica, profissional e propedêutica, alcançar uma formação integral onde cada estudante conheça a si próprio, intelectual, física, emocional, social e culturalmente para, assim, se constituir de forma mais consciente em um ser individual e coletivo que se apropria do conhecimento e o transforma para o bem do conjunto e de si próprio.

Logo, essa pesquisa tem por objetivo realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021).

Com o propósito de alcançar essa finalidade, ela irá identificar as teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tratam sobre a temática abordada no período citado, apontando seus principais resultados. E, frente a eles, elencar o que foi pesquisado e os resultados obtidos e, caso haja, identificar possíveis lacunas para estudos posteriores na área.

Para melhor definir essas buscas, foram elencadas as seguintes perguntas de pesquisa: Qual o estado do conhecimento encontrado e os principais resultados que

tratam sobre estudos de identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil, no período de 2016 a 2021? Existem lacunas para estudos posteriores na área, isto é, que articulem a proposta de formação integrada (Ensino Médio Integrado), identidade e gênero feminino?

Para respondê-las, a metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica por meio da análise do Estado do Conhecimento que, de uma forma geral, buscará responder a pergunta: Há teses e dissertações que tratam a temática de identidade e gênero feminino pensando na integração do ensino? Em uma busca inicial, será realizada a Leitura Flutuante que Sousa e Santos (2020) trazem como um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise para, a partir deles, elaborar os indicadores de cada Categoria que irão orientar a interpretação e a preparação dos dados encontrados.

Para a realização dessa primeira fase da leitura flutuante foram buscados individualmente e, depois, agrupados, os seguintes descritores: “Identidade”, “Gênero Feminino” e “Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio” que foram retirados do objetivo dessa pesquisa. O foco desse trabalho serão pesquisas do gênero teses e dissertações disponíveis no Portal de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tratam sobre a temática abordada no período citado, apontando seus principais resultados. Esse portal foi escolhido por disponibilizar os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa e por ser totalmente gratuito.

Por meio da análise dos dados obtidos do estado do conhecimento realizado, conseguirei traçar um perfil de como estão as produções que tratam dessas temáticas relacionadas ao ensino integrado e quais são os resultados encontrados e as possíveis lacunas identificadas para, a partir daí, traçar possibilidades para trabalhos futuros e, assim, incentivar que novas produções acadêmicas desse gênero sejam realizadas em território nacional.

Primeiramente, será realizada a leitura flutuante dos textos encontrados, ou seja, “um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise, a escolha deles, [...], a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material” (CÂMARA, 2013, p.183) e, para cada nova etapa aplicada, tais sejam: Bibliografia Anotada, Sistematizada, Categorizada e Propositiva, haverá o refinamento dessa busca.

Segundo Morosini e Fernandes (2014, p. 156), é na Bibliografia Anotada que se faz a busca inicial com os descritores escolhidos e guardam-se informações mais gerais das pesquisas encontradas. Seguindo-se a ela, tem-se a Bibliografia Sistematizada, em que se inicia uma seleção mais específica para a temática do objeto e construção do estado do conhecimento proposto. Para tal, faz-se uma primeira filtragem dessas pesquisas.

Na terceira etapa, a Bibliografia Categorizada, faz-se o agrupamento dessas produções por temáticas que irão gerar as Categorias nomeadas por critérios selecionados pelo autor da pesquisa buscando unir diferentes pesquisas dentro de um mesmo conjunto. Na Bibliografia Propositiva, última etapa dessa análise, há o condensamento dos resultados encontrados em cada Categoria e a proposição de estudos emergentes à cerca da temática que foi objeto desse estado do conhecimento. (MOROSINI; FERNANDES, 2014)

Essa dissertação será estruturada da seguinte maneira. No primeiro capítulo, intitulado “A educação profissional e tecnológica na modernidade”, são trabalhadas as temáticas da Modernidade Líquida que muito norteará a forma como as identidades são constituídas hoje em dia e que apresenta Zigmunt Bauman (2001; 2004; 2005; 2007) como seu autor de referência. Além da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) em que, utilizando Dermeval Saviani (2007) como referência, será realizado um breve histórico e exposto parte dos desafios enfrentados pela EPT atualmente.

Ainda nesse capítulo, será apresentada a Formação Integral proposta por Moacir Gadotti (2000) e como a evolução tecnológica, que perpassa por todos os campos de atuação humana, se impõe como uma vertente educacional importantíssima sob o jugo da modernidade líquida vivida no século XXI. Também há a contribuição de Maria Ciavatta (2005) que, para além da tecnologia, discute a necessidade da apropriação histórico-social para a emancipação individual e coletiva dessas adolescentes e jovens.

No capítulo II, “A identidade de gênero feminino na adolescência”, inicio conceituando Identidade pelos olhos de Joel Candau (2011) e como a memória e os esquecimentos se enlaçam em uma cultura que, por muitas vezes, repete padrões sem julgar suas pertinências ou fundamentações. Logo após, apresento o conceito

de identidade(s) a partir de Stuart Hall (2006) e seu estudo sobre as identidades e as culturas e como ambas se relacionam através do tempo.

Para corroborar as questões de como a tecnologia invadiu a vida pós-moderna e quais são algumas das consequências no tocante à construção identitária, busco novamente por Zigmunt Bauman (2005) e o que seu estudo apresenta sobre as identidades líquidas e fragmentadas que passam a surgir. Logo após, discorro sobre algumas das questões propostas por Judith Butler (2003) que envolvem a temática do gênero, tratado em um segundo tópico, para melhor contextualizar o leitor sobre as dificuldades na definição do que seria e como se identificar com o gênero feminino.

É o próprio Gênero Feminino o terceiro tópico tratado nesse capítulo em que Mary Del Priore (2004) descreve como o feminino se incorpora na identidade cultural brasileira e alguns dos desafios enfrentados por quem se identifica com ele. Para finalizá-lo, é proposta uma definição sobre a adolescência e um breve histórico de como surge esse termo apresentando Calligaris (2000) como seu autor. Dando continuidade à essa temática, Pierre Bourdieu (1983) explicita seu olhar sobre a relação intrínseca entre as diferentes classes socioeconômicas e as necessidades e contextos culturais que se definem a partir daí.

Para aprofundar as discussões levantadas nessa seção, Montechiare (2019) discorre sobre a diversidade cultural presente nessa faixa etária e os perigos de uma cultura de ódio que assombra as minorias com mais força na atualidade. Por fim, Bauman (2013, 2004) relaciona a identidade e a educação e suas conexões aprofundando algumas das questões que surgem com a inserção contínua e não reflexiva no mundo virtual de adolescentes e jovens e como a tecnologia pode interferir e regular essa fase tão importante da vida humana.

No terceiro capítulo de caráter metodológico, conceituo os estados da arte e do conhecimento e explico suas diferenças e proposições. Com base nelas, adoto, como análise, o Estado do Conhecimento. Depois, realizo uma descrição detalhada de como está fundamentada e proposta a metodologia utilizada para responder às perguntas dessa pesquisa, tendo como referência Marília Morosini e Cleoni Fernandes (2014) e Anne Patrícia da Silva e Roberta de Souza (2020).

No quarto e último capítulo, *Procedimentos Analíticos e Resultados*, realizo as análises dos dados encontrados por meio da metodologia adotada e exponho seus

resultados. Posteriormente, nas *Considerações Finais*, explico as inferências realizadas e, quando pertinente, identifico as lacunas e proponho estudos para trabalhos de pesquisas futuros.

## CAPÍTULO I

### A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NA MODERNIDADE

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não para*

*Lenine*

Esse primeiro capítulo inicia-se com uma reflexão sobre a era pós-moderna e seus impactos na(s) identidade(s) que estão em construção constante. Pois, com a compreensão de como essa era pode transformar e potencializar as diferenças e a exclusão, faz-se mais claro a necessidade de que o gênero feminino, suas construções históricas e as identidades a ele submetidas sejam definidas dentro da complexidade que o mundo atual exige.

Para isso, utiliza como principal referência Zigmunt Bauman (2001; 2004; 2005; 2007) e os impactos da modernidade líquida em relação aos estudos de gênero, aos papéis sociais e ao novo feminino. Depois, apresenta reflexões sobre o que seria e quais as vantagens de uma educação profissional e tecnológica em que Dermeval Saviani (2007) discute caminhos para o como educar e profissionalizar em um mesmo espaço escolar, e que ele seja universal, integral e tecnológico. Para finalizar, apresenta perspectivas da educação em busca de uma formação integral de seus estudantes fundamentada em Moacir Gadotti (2000) e Maria Ciavatta (2005). Formação essa que iria para além dos conteúdos e buscaria uma visão de ser humano mais ampla e inclusiva.

A epígrafe que inicia esse capítulo é de Lenine, cantor, compositor e produtor musical pernambucano, que já escreveu, gravou e produziu mais de quinhentas canções, e consegue, com muita sensibilidade e leveza, por meio da letra de sua canção “Paciência”, captar e expressar algumas das essências da pós-modernidade, tais como: a falta de controle e mensuração do tempo, o movimento acelerado imposto aos seres humanos continuamente e a perda de um olhar para o interior de si mesmo, seja pela perda da religiosidade ou pela falta de crenças.



## 1.1 Modernidade Líquida

Em um mundo em que o valor de mercado e o poder de consumo ditam as regras para a formação da cultura, das comunidades e, até mesmo, das identidades coletivas e individuais, manter-se atualizado em meio ao bombardeamento de informações e exigências do habitat pós-moderno é um exercício exaustivo e que, dificilmente, chega ao seu fim.

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. Ser moderno [...] também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não-realizado (BAUMAN, 2001, p. 15).

Diferentemente do sujeito moderno racional, de regras e crenças imutáveis e certezas absolutas, o sujeito pós-moderno busca dar voz, entre outras coisas, ao corpo, à subjetividade incorporada à identidade, às minorias de gênero, de raça etc. Questões essas que a razão, característica principal da era moderna, não consegue fundamentar com sua mentalidade fordista de vida como tão bem descreve Bauman.

O fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase “pesada”, “volumosa”, ou “imóvel” e “enraizada”, “sólida”. Nesse estágio de sua história conjunta, capital, administração e trabalho estavam, para o bem e para o mal, condenados a ficar juntos por muito tempo, talvez para sempre — amarrados pela combinação de fábricas enormes, maquinaria pesada e força de trabalho maciça. Para sobreviver, e principalmente para agir de modo eficiente, tinham que “cavar”, desenhar fronteiras e marcá-las com trincheiras e arame farpado, ao mesmo tempo em que faziam a fortaleza suficientemente grande para abrigar todo o necessário para resistir a um cerco prolongado, talvez sem perspectivas. O capitalismo pesado era obcecado por volume e tamanho, e, por isso, também por fronteiras, fazendo-as firmes e impenetráveis. O gênio de Henry Ford foi descobrir o modo de manter os defensores de sua fortaleza industrial dentro dos muros — para guardá-los da tentação de desertar ou mudar de lado (BAUMAN, 2001, p. 29).

Em contraponto com essa era pesada, arraigada e protegida por arames, cercas e fronteiras que, com suas certezas absolutas advindas dos conhecimentos científicos que tudo procuram racionalizar; a pós-modernidade, a partir do final do século XX, incorpora um colorido ao mundo em que tantas são as nuances de cada cor que, com pouca certeza, duas pessoas poderiam afirmar, mesmo estando de frente ao mesmo objeto, estarem vendo a mesma coisa. E, uma vez que se afastassem desse objeto, mesmo que por instantes, que, quando voltassem, ainda o encontrariam lá.

É tamanha a incerteza, insegurança e velocidade dessa era pós-moderna que Bauman (2001) inspirado pela adaptabilidade e volatilidade dos líquidos, cunha esse período de “Modernidade Líquida”. Para ele, os primeiros sólidos que derreteram foram as tradições, obrigações e crenças que, de alguma forma, prendiam e limitavam a liberdade individual tão ansiada. Logo, “livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores” (BAUMAN, 2001, p. 06) foi a solução encontrada por esse novo sujeito para, uma vez desfeito das responsabilidades humanas mútuas, pudesse alçar o capital a seu principal objetivo.

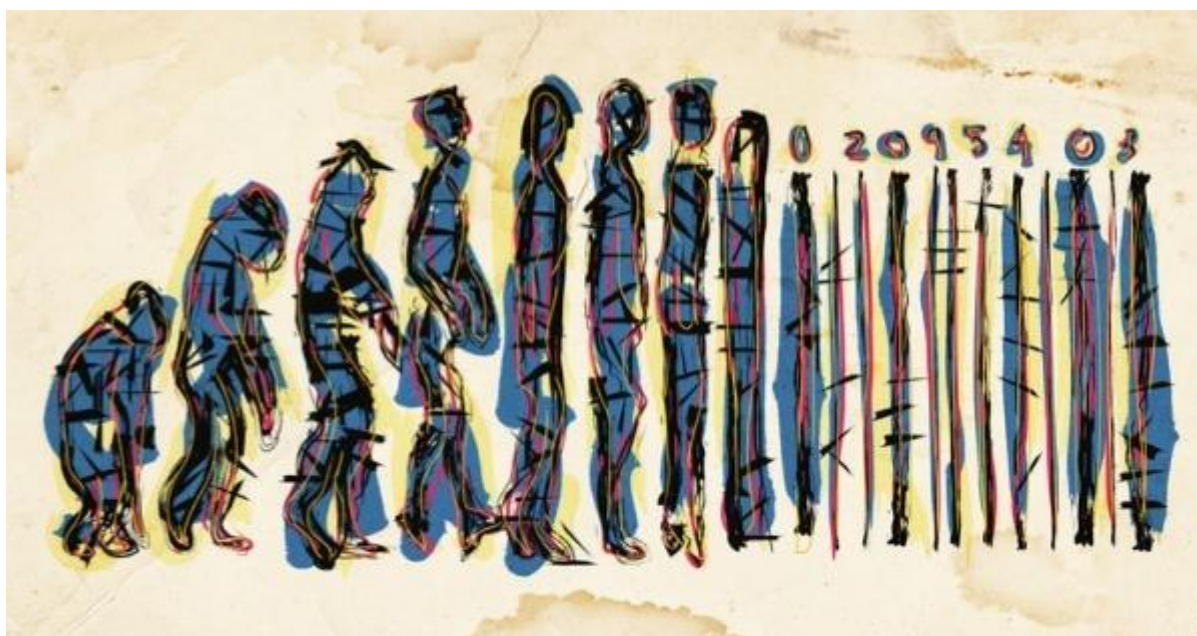
Uma vez que o capital é a moeda em que se pode confiar o presente e o futuro, assim como o passado, de produtor, esse novo sujeito torna-se consumidor. Produzir algo leva tempo, é cansativo e os resultados demoram muito a ficarem visíveis. É muito mais fácil comprar pronto e logo postar uma *selfie*\* compartilhando a conquista do momento. Pois, em breve, ela será substituída por outra. A partir dessa mentalidade, Bauman (2004) inaugura o neologismo no qual o *homo sapiens* é substituído pelo *homo consumens*, em que “é a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso na vida” (BAUMAN, 2004, p. 32).

Em geral, a capacidade de utilização de um bem sobrevive à sua utilidade para o consumidor. Mas, usada repetidamente, a mercadoria adquirida impede a busca por variedade, e a cada uso a aparência de novidade vai se desvanecendo e se apagando. Pobres daqueles que, em razão da escassez de recursos, são condenados a continuar usando bens que não mais contêm a promessa de sensações novas e inéditas. Pobres daqueles que, pela mesma razão, permanecem presos a um único bem em vez de flunar entre um sortimento amplo e aparentemente inesgotável. Tais pessoas são os excluídos na sociedade de consumo, os consumidores falhos, os inadequados e os incompetentes, os fracassados — famintos definhando em meio à opulência do banquete consumista (BAUMAN, 2004, p. 32).

\*“Selfie é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo self-portrait, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/selfie/> Acesso em: 22/set/2020.

Uma vez imersos em espaços comuns, como um shopping center por exemplo, a sensação entre liberdade e segurança parece estar em equilíbrio. Salvos de possíveis intrusos ou pessoas não-benquistas, o sentimento reconfortante de pertencimento parece aflorar em cada um desses indivíduos que encontram na semelhança a ideia de comunidade perfeita. Pois, ela “não envolve negociações, nem esforço pela empatia, compreensão e concessões” (BAUMAN, 2001, p. 46) Todos se reconhecem e buscam as mesmas atrações que se concentram nos mesmos objetos e, por que não, nos próprios sujeitos objetificados/as.

Figura 1 – A evolução do *homo sapiens* ao *homo consumens*



Fonte: Página do Blog “Meio Desconexo” de Natália J. Vilas Boas

A imagem acima, um neologismo à figura que ilustra a evolução do *homo sapiens* até tornar-se o homem/mulher moderno, expressa, com clareza, a objetificação do sujeito pautada no parágrafo anterior e a ampla sugerindo que um código de barras encerra em si o poder individual de compra e acervo pessoal naquele instante. Logo, esse código é a própria leitura de sua identidade. Tomando-se que essa seja uma realidade comum em meio à liquidez das identidades individuais, que carecem de bases sólidas para sua construção, a identidade

coletiva, como um reflexo conjunto de cada uma delas, acaba por se definir da mesma forma.

A partir disso, a aceitação, o acolhimento e a integração do diferente à sociedade líquida tornou-se difícil e dolorosa. A vulnerabilidade, a fragilidade e a transitoriedade que, para Bauman (2004), marcam todos os vínculos sociais que fizeram surgir uma rede de interações humanas, também afetam diretamente o emprego e as relações profissionais. As habilidades e competências exigidas quando no ingresso de uma função profissional não mais garantem a permanência nessa função com o passar do tempo. Algumas delas podem até desaparecer repentinamente com a incorporação de novos artefatos tecnológicos ou formas alternativas de realizar serviços específicos

O tempo congelado da rotina de fábrica, junto com os tijolos e argamassa das paredes, imobilizava o capital tão eficientemente quanto o trabalho que este empregava. Tudo isso mudou, no entanto, com o advento do capitalismo de software e da modernidade “leve” (BAUMAN, 2001, p. 53).

A segurança e imobilidade “confortáveis” do trabalho na era moderna foram substituídas por trajetórias profissionais efêmeras e móveis na modernidade líquida. O tempo e o espaço, antes vistos como formas de mensurar realizações e sentir a continuidade individual, familiar e social, foram aniquilados. Para Bauman (2001), “no universo de software da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em “tempo nenhum”.” (BAUMAN, 2001, p. 53). O espaço perdeu seu valor estratégico, pois não mais impõe limites às ações humanas.

O tempo instantâneo e sem substância do mundo do software é também um tempo sem consequências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” — mas também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e portanto para calcular seu “valor perdido”, perderam muito de seu significado — que, como todos os significados, derivava de sua rígida oposição. Há apenas “momentos” — pontos sem dimensões (BAUMAN, 2001, p. 54).

São esses os momentos que, dia após dia, alicerçam as identidades individuais até onde alcançam seus efeitos e a memória de tê-los vivido. Aos olhos de Bauman (2001), no paradigma da instantaneidade, a cultura e a ética são conduzidas para um lugar de ninguém ainda não-mapeado, ou mesmo explorado.

Assim, as ações humanas deixam de ser antecedidas e precedidas pela responsabilidade de suas consequências. Em uma cultura que evita a durabilidade, o tempo apagado faz esquecer os erros, mas também os acertos. Essa é uma das maiores fontes da insegurança desses novos tempos.

Em meio a toda essa volatilidade, as mulheres e todos os seres que se enquadram no gênero feminino tentam encontrar suas vozes e vencer o domínio de um patriarcado que, por vezes, se mostra opressor e preconceituoso. Tentam se firmar em um terreno que não traz a segurança e a familiaridade de tempos passados e que, por si só, apresenta desafios pouco conhecidos. O que acarreta em uma era que, para além dos obstáculos naturais que se impõem a quem se identifica como feminino, dificulta, ainda mais, o se reconhecer, se fazer e se constituir em um ser humano que tem suas vontades, desejos e necessidades atendidas e respeitadas.

Imersos nessa liquidez, as instituições educacionais buscam auxiliar na formação de um ser humano integral, ofertando condições equânimes de ensino e aprendizagem e, assim, abrindo as portas do mundo não só para um estudante egresso, senão para um profissional responsável e pronto para uma atividade laborativa. No entanto, esse profissional poderá realizar uma melhor escolha e conquistar um maior desenvolvimento nesse novo mundo mercadológico se conseguir compreender o que o define e como sua identidade atravessa seu trabalho.

Em um mundo líquido, dar luz a essas questões faz parte de um processo perene e que se transforma em alta velocidade. Por isso, a necessidade de realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021).

Pois, com esse estudo, será possível aprofundar no tema da Educação Profissional e Tecnológica e permeá-la pelos desafios que as identidades formadas na modernidade líquida impõem às profissionais que se identificam com o gênero feminino. Na próxima seção, ver-se-á um breve histórico de como surgiu e alguns dos pressupostos que compõem a Educação Profissional e Tecnológica.

## 1.2 Educação Profissional e Tecnológica

A educação formal ofertada por instituições de ensino é uma das formas de manter vivos os saberes acumulados por uma civilização e, concomitantemente, produzir novos saberes. Muitas vezes, é por meio dessas instituições que o sujeito frequenta seu primeiro ambiente social, além de sua família. Com saberes acadêmicos, socioculturais e afetivos, elas estimulam que esse sujeito compreenda códigos e abstraia para além dos conteúdos formais para, pela prática, apreender conhecimentos que lhe daria condições de se identificar como um sujeito integral e ativo de forma a contribuir por melhorias na sociedade em que está inserido.

Segundo Saviani (2007), a origem da educação coincide com a própria origem do homem, pois ninguém nasce sabendo a sê-lo e sim, aprende e se produz a partir de sua própria existência social. Porém, uma das várias tentativas de distinção entre um homem e um animal é reconhecer que o primeiro tem a habilidade de transformar a natureza para obter benefícios que satisfaçam suas necessidades, ao que se chama trabalho. Logo, o homem se faz e se individualiza pelo trabalho que chega a ser sua principal fonte de participação e reconhecimento social. O que nos leva a pensar, há como separar educação e trabalho?

Diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie. (SAVIANI, 2007, p. 154)

Infelizmente, com a privatização das terras e a divisão dos homens em classes, essa unidade entre educação e trabalho foi se desfazendo e, em seu lugar, nasce uma dicotomia entre ambos. Como bem descreve Saviani (2007), os aristocratas, proprietários das terras, vivem do trabalho dos escravos que são todos aqueles que não as possuem. Assim, com a maior parte do trabalho realizado por esses últimos, essa divisão se estende à educação que se separa em duas

modalidades distintas: para a aristocracia, fica a educação centrada no intelecto e, para os escravos, ela permanece voltada ao trabalho.

A partir daí, a educação passa a se focar em conhecimentos propedêuticos que preparam uma elite para o trabalho intelectual. Enquanto que, à margem desse processo, as classes inferiores recebem uma educação para o trabalho manual, técnica e limitada ao cumprimento de uma função. No entanto, esse dualismo na educação ainda será profundamente marcado pelo surgimento do modo de produção capitalista que fará surgir uma burguesia dominante na economia e, posteriormente, na política. Com o advento da Revolução Industrial no final do século XVIII e início do XIX, há uma reorganização social, conforme Saviani coloca.

Essa nova forma de produção da existência humana determinou a reorganização das relações sociais. À dominância da indústria no âmbito da produção corresponde a dominância da cidade na estrutura social. Se a máquina viabilizou a materialização das funções intelectuais no processo produtivo, a via para objetivar-se a generalização das funções intelectuais na sociedade foi a escola. Com o impacto da Revolução Industrial, os principais países assumiram a tarefa de organizar sistemas nacionais de ensino, buscando generalizar a escola básica. Portanto, à Revolução Industrial correspondeu uma Revolução Educacional: aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação. (SAVIANI, 2007, p. 159)

Com a universalização da escola, os indivíduos de todas as classes puderam se capacitar para o ingresso nesse novo processo produtivo e, quando este exigia uma qualificação mais específica, eles poderiam recorrer a cursos profissionais criados para suprir essa necessidade. E é aqui em que o sistema de ensino se divide em duas propostas de formação: uma propedêutica e outra profissional. Essa última atendendo às necessidades de uma burguesia que acabou por dividir os homens em dois eixos opostos: aqueles que executavam trabalhos manuais com uma formação limitada e sem fundamentos teóricos e uma minoria com domínio teórico amplo que a capacitava a dirigir os diferentes setores da sociedade, conforme explicita Saviani.

A referida separação teve uma dupla manifestação: a proposta dualista de escolas profissionais para os trabalhadores e “escolas de ciências e humanidades” para os futuros dirigentes; e a proposta de escola única diferenciada, que efetuava internamente a distribuição dos educandos segundo as funções sociais para as quais se os destinavam em consonância com as características que geralmente decorriam de sua origem social. (SAVIANI, 2007, p. 159)

Com o propósito de relacionar trabalho e educação de forma implícita e indireta, as escolas de formação básica passam a incorporá-lo em seu currículo como uma exigência social. Dessa forma, esses indivíduos aprendem os pré-requisitos necessários para compreender sua comunidade e como se incorporar nesse mundo de produção mercadológico em que está inserido. Porém, é no Ensino Médio que o currículo escolar tratará o trabalho de forma explícita e direta. Com o objetivo de recuperar a relação entre o conhecimento e sua prática, esse indivíduo será levado a articular saber e processo produtivo.

No entanto, essa articulação não se dará pelo simples adestramento de técnicas de produção. Senão, de forma a prepará-los para dominarem as diferentes técnicas utilizadas na mesma e seus fundamentos científicos. Saviani (2007) conceitua politecnia na perspectiva do conhecimento da multiplicidade de processos e técnicas de produção existentes até então. O que se diferencia fundamentalmente de um mero adestramento de uma determinada habilidade sem a compreensão de seus fundamentos ou o entendimento de sua articulação com o processo produtivo em um todo.

Principalmente quando esse processo produtivo pode, em virtude de uma sociedade patriarcal e homogeneizante, chegar a excluir ou dar as mínimas chances de que uma mulher ocupe seu espaço produtivo na carreira profissional que melhor lhe provier. Pois, predominantemente, há espaços profissionais que são quase exclusivamente ocupados por homens e em que mulheres ou aqueles que se identificam com o gênero feminino são incentivadas a estarem fora ou, quando conseguem neles ingressar, não vivem as mesmas chances de progressão e, na maioria das vezes, são remuneradas de forma desigual, ou seja, abaixo dos demais.

Mais à frente, no capítulo que tratará das Análises dos Dados encontrados por meio do levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021), poder-se-á comprovar ou refutar as dificuldades vividas por quem se identifica com o gênero feminino ao tentarem ingressar e se manter em profissões que, culturalmente, são predominantemente masculinas.

Nesse sentido, há que se compreender melhor como a educação profissional e tecnológica lança seu olhar sobre a formação integral e quais questões deveriam ser trabalhadas para que as adolescentes tivessem uma formação verdadeiramente



integral. Com esse objetivo, na próxima seção, serão aprofundadas as questões levantadas nesse tipo de formação e como a identidade e o gênero feminino são nela contempladas.

### **1.3 Formação Integral**

As consequências da evolução das novas tecnologias centradas na comunicação de massa e na difusão do conhecimento ainda não se fizeram sentir plenamente no ensino. Pois, apesar das mudanças impulsionadas pela pandemia da Covid-19 e a consequente migração de grande parte do ensino para um modelo híbrido e, muitas vezes, mais focado na Educação à Distância em virtude do isolamento social imposto nesse período, a aprendizagem baseada nessas tecnologias parece ainda não ter se instalado completamente nas rotinas educacionais.

Para Gadotti (2000), é função principal da escola ensinar a pensar criticamente. E, para tal, é preciso dominar as diferentes metodologias e linguagens, entre elas, a linguagem eletrônica. Segundo o autor:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se em uma dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações (GADOTTI, 2000, p. 06).

As novas tecnologias permitem acessar conhecimentos transmitidos não apenas por palavras, mas também por imagens, sons, fotos, vídeos (hipermídia), etc. Dessa forma, para Gadotti (2000, p. 07), “a informação deixou de ser uma área ou especialidade para se tornar uma dimensão de tudo, transformando profundamente a forma como a sociedade se organiza”. Para o autor:

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral (GADOTTI, 2000, p. 08).

Essa educação integral tem por objetivo estimular que cada estudante, de maneira equânime, se torne autônomo, pensante, produtor do conhecimento e um cidadão flexível e adaptável. Que ele saiba reconhecer seus pensamentos e emoções, assim como compreender o outro para melhor administrar conflitos e conviver bem. Assim, ele aprenderá a ser e conseguirá se desenvolver integralmente.

Porém, atingir objetivos tão grandes e profundos é um desafio se se reconhece que a sociedade que o abraça e o acolhe também pode cerceá-lo e limitá-lo. Exemplos disso são flagrantes em que determinada função ou papel social são determinados frente a preferência de um gênero a outro ou quando socialmente se baliza e se legitima ações que vão contra a emancipação feminina e às necessidades básicas para a conquista de uma verdadeira autonomia independente de ter nascido no gênero feminino, masculino ou outro.

Nesse sentido, Maria Ciavatta (2005) discute que a formação integral sem a apropriação histórico-social é deficiente, pois a emancipação individual e coletiva se constrói nas relações sociais que permeiam e atravessam a vida. Dessa forma, para além das fronteiras que a própria tecnologia impõe e que em uma modernidade líquida podem condenar um adolescente ao ostracismo, há que se garantir uma formação integral que se estenda não só às relações sociais, mas também a todos os fenômenos. A seguir, Ciavatta explica:

A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (CIAVATTA, 2005, p. 6123).

Ainda de acordo com Ciavatta (2005) uma formação integrada, que em definição e princípios, para esse trabalho, coaduna-se ao sentido da formação integral apresentada até aqui, surgiria como uma tentativa de superar a dualidade entre cultura geral e cultura técnica em que a subordinação no trabalho e na educação vai ao encontro do que Gadotti (2000) discute em seu texto sobre o verdadeiro objetivo da formação integral. Para Ciavatta, essa formação voltaria as escolas para um caminho educativo mais humano, como explicitado abaixo:

Quando falamos em formação integrada fazemos apelo a esse sentido profundo da humanização de todo ser humano e nos deparamos com mundos que parecem ruir uns atrás dos outros frente às guerras, à violência desencadeada, à aceleração do tempo e da comunicação, às inversões do valor da vida e do trabalho que adentram nas escolas corroendo seu sentido educativo (CIAVATTA, 2005, p. 6132).

Iniciou-se esse capítulo com a discussão sobre a modernidade líquida e como ela alterou as percepções de mundo, do real e do que tem valor, inaugurando uma realidade em que o *homo sapiens* é substituído pelo *homo consumens*. Essa inversão de valores, aliada à aceleração do tempo e da comunicação, engendra identidades cada vez mais voláteis, efêmeras e superficiais que se equilibram muito mais na velocidade das mudanças do que na permanência delas. Segundo Ciavatta:

Descarta-se o passado cada vez mais rapidamente, perde-se a visão da totalidade, há uma ruptura de equilíbrio. Com isso cresce a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia neste momento particular da história. É uma memória dilacerada que se confunde com a ruptura com o passado (CIAVATTA, 2005, p. 6138).

Assim, sem um passado em que se ancorar e com inúmeros desafios que se apresentam em um cotidiano que não se repete, as identidades se alternam e se fragmentam à uma velocidade que assusta e tornam-se tão voláteis quanto a modernidade líquida. Nesse sentido, um dos propósitos da formação integral seria a identificação e compreensão desse processo para que adolescentes e jovens se construam sob o paradigma do conhecimento e do livre-arbítrio.

Pensando à luz dessa visão, lembrando os desafios postos pela modernidade líquida em que esses estudantes estão inseridos e reconhecendo o

valor de uma educação profissional e tecnológica, esse capítulo se encerra para dar lugar à identidade e às questões levantadas para o gênero feminino no passado e nesse novo milênio.

Sabe-se que a igualdade entre os gêneros ainda é uma luta que continua a ser enfrentada e serão os resultados coletados por meio do levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021) que poderão aferir, mesmo que parcialmente, o quão perto dessa igualdade se está.

## CAPÍTULO II

### A IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININO NA ADOLESCÊNCIA

*Eu sou a luz das estrelas, Eu sou a cor do luar  
Eu sou as coisas da vida, Eu sou o medo de amar  
Eu sou o medo do fraco, A força da imaginação  
O blefe do jogador, Eu sou, eu fui, eu vou*

*Paulo Coelho Souza, Raul Santos Seixas*

A identidade e o indivíduo se definem, se transformam e, nesse jogo dialético, em que são ora sinônimos, ora ambivalência, ora complementares, evoluem enquanto conceito, entendimento e significado. Logo, o que se é não se define apenas no agora, senão nas memórias vividas no passado e nas expectativas que reservam o futuro. Em um fragmento de tempo, todos são, foram e vão.

Cada indivíduo é constituído temporal e localmente. Onde e quando se vive são importantes fatores que poderão influenciar de forma determinante o que se irá conhecer e apreender das memórias que a sociedade e a cultura por ela moldada trarão como norma social. Nesse movimento, as memórias coletivas atravessam quem se é e, uma vez que ditam comportamentos, muitas vezes, acabam por definir socialmente o que é ser mulher, estruturando, assim, o que se espera de quem nasce com uma vulva e tentando engessar seus modos de ser no mundo.

Portanto, definir uma identidade não é um trabalho simples, sequer possível em sua totalidade. O que será realizado, nesse capítulo, é um levantamento crítico do que é e como se formam as identidades e, a partir daí, traçar alguns dos possíveis perfis de identidade(s) de gênero que, por um recorte realizado por essa autora, irá se aprofundar nas questões que permeiam o gênero feminino e suas especificidades quando incorporado à adolescência.

## 2.1 Identidade

Para Candau (2011), é a memória a principal ferramenta de que o indivíduo social dispõe para compreender o tempo e as marcas indelévels que ele imprime no conhecimento de si mesmo. É na relação constante entre memória e identidade que se constrói toda uma narrativa de vida. Seu significado é tal que “restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (CANDAU, 2011, p.17). O que faz da memória uma “força de identidade”.

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias como, por exemplo, a anamnese de abusos sexuais na infância ou a memória do Holocausto (CANDAU, 2011, p. 18).

Por esse motivo, o esquecimento pode desempenhar um importante papel na forma como alguns indivíduos irão pensar e repensar suas identidades. Porém, há que se ter em mente que tudo aquilo que se deixa apagado na memória, em um movimento consciente ou inconsciente, cobra o preço de não mais existir. E, com seu esvanecimento, se vão também possíveis aprendizagens. Mas, não há como julgar os diferentes caminhos que cada qual segue para sobreviver.

Candau (2011) também destaca que alguns esquecimentos, esses propositais e com direcionamentos claramente políticos e/ou econômicos, são causados com o objetivo de afetar a memória coletiva ou, também nomeada por muitos autores, memória compartilhada. É mais fácil conduzir um grupo, ou mesmo uma sociedade, quando as memórias que esse coletivo compartilha reforçam um objetivo a ser alcançado ou rejeitam algo que deve ser execrado e/ou exterminado.

As falas de memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza “os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro”, devemos ver nela menos “uma função de conservação automática investida por uma consciência sobreposta” do que um modo essencial da consciência mesma, o que caracteriza a interioridade das condutas. A lembrança não “contém” a consciência, mas a evidencia e manifesta, é “a consciência mesma que experimenta no presente a dimensão de seu passado” (CANDAU, 2011, p. 63).

Entrelaçando-se entre as memórias coletivas e as individuais, cada um dá corpo à sua identidade pessoal e, a partir dela, se constitui enquanto cidadão. Nessa integração, deslocamento e reintegração, vai formando, concomitantemente, uma identidade coletiva que caracteriza um povo enquanto um conjunto que forma uma sociedade e, com ela, direitos e deveres que poderão ser reguladores de toda uma nação.

Esses direitos e deveres integram a cultura de um espaço-tempo-lugar e que, para Stuart Hall (2006), interpelam os sujeitos e, para além do biológico, os definem historicamente. Dessa forma, com identidades que se diferenciam a partir de diferentes momentos, o indivíduo não mais é um ser unificado e coerente como na época do Iluminismo, mas um ser que se transforma e se reinventa a todo instante. É o que declara Hall no trecho abaixo:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006. p. 12).

Essa forma de vida em que a mudança é rápida, abrangente e contínua caracteriza uma sociedade que se desvencilha do que era tradicional e transforma o sujeito cartesiano em um indivíduo que passa a ser formado subjetivamente por meio de processos em grupo e normas coletivas. Para Hall (2006), a nação é entendida e processada como um sistema de representação cultural em que, tal qual uma comunidade simbólica, gera sentimentos de lealdade e identidade. Em suas palavras:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma "comunidade imaginada" (HALL, 2006, p. 51).

Na narrativa dessa comunidade nacional imaginada, as histórias são contadas e recontadas por meio da literatura, da mídia e da cultura popular. E, apesar do dinamismo histórico, há a tentativa de que o caráter nacional permaneça imutável,

seja por meio da repetição das tradições, seja por meio do mito fundacional que procura construir um caráter nacional a partir da origem de seu povo.

Para Hall (2006), a nação busca unificar todos seus membros em uma única identidade cultural. Porém, essa é uma tarefa que exigiria representar as diferenças que existem em suas culturas nacionais. E, como são profundas as divisões e diferenças internas, essa identidade se constrói dentro de uma estrutura de poder cultural que, por vezes, silencia e pode até discriminar uma parcela desse povo que não se reconhece na identidade nacional. Segundo Hall:

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (HALL, 2006, p. 59).

Desde o final do século XX, as comunidades, culturas e identidades nacionais estão sendo deslocadas por um complexo de forças de mudança que cria novas combinações de espaço-tempo. Combinações essas que têm um grande impacto nas identidades culturais, locais e nacionais em que algumas ganham espaço em detrimento de outras. A ponto de Hall (2006) afirmar que as identidades nacionais estão se desintegrando como um dos resultados da homogeneização cultural.

Para o autor, novas identidades híbridas surgem quando diferentes comunidades e organizações se integram e se conectam em novas formas de vivenciar o espaço-tempo. Com um mundo mais interconectado, em que os processos globais se tornam acelerados, as distâncias ficam mais curtas e os eventos em um determinado lugar impactam sobre outros lugares quase de imediato, mesmo que separados por uma grande distância. Segundo Hall:

Os lugares permanecem fixos; é neles que temos "raízes". Entretanto, o espaço pode ser "cruzado" num piscar de olhos - por avião a jato, por fax ou por satélite. Harvey chama isso de "destruição do espaço através do tempo" (1989, p. 205) (HALL, 2006, p. 72).

Outro autor que aborda essa destruição de espaço-tempo tal qual se conhecia até o fim do século XX é Zigmunt Bauman (2005). Para ele, a compressão de espaço-tempo, que Hall (2006) também descreve em sua obra, tem impactos no sentimento de pertencimento que determina como uma pessoa se sente e se



reconhece no lugar em que está. E esse sentimento, mesmo sendo uma convenção construída, muitas vezes, significava o pertencimento a uma nação.

Com as mudanças vivenciadas nas últimas décadas, a ideia da identidade nacional que, até então, acreditava-se como certa e irrevogável, passa a surgir com a crise do pertencimento. Bauman (2005) descreve que o abandono e a ineficácia da imposição do Estado-nação não oferecem mais alicerces à situação que se vive no presente. Logo, sem suas âncoras sociais e culturais, os aspectos como nacionalidade, raça e gênero tornam-se menos importantes. Nesse sentido, Bauman diz:

A sabedoria popular foi rápida em perceber os novos requisitos, e prontamente ridicularizou a sabedoria aceita, obviamente incapaz de atendê-los. Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: "Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia é grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro". Na Polônia da era da construção nacional, as crianças costumavam ser treinadas a dar as seguintes respostas a perguntas sobre identidade: Quem é você? Um pequeno polonês. Qual é seu signo? A Águia Branca. As respostas de hoje, sugere Monika Kostera, ilustre socióloga da cultura contemporânea, seriam diferentes: Quem é você? Um homem simpático na casa dos 40 com senso de humor. Qual é o seu signo? Gêmeos. (BAUMAN, 2005, p. 33/34)

Pelo exemplo anterior, vê-se que a ideia de Estado-Nação até então concebida não mais é uma realidade. Com a inserção de novos processos e a aceleração do fluxo espaço-tempo, o Estado se desobriga de manter uma relação sólida e inabalável com a Nação para que possa se reconstruir com as benéficas de ideias, produtos, sonhos e identidades advindos de outros lugares.

Essa reestruturação em que Estado e Nação se desvencilham e uma série de influências externas se integram a novos modelos de identidades nacionais acarretam, conseqüentemente, na forma com que os seres dessa nova ordem nacional irão se entender e se construir social e historicamente. Assim, novas identidades coletivas como as já discutidas por Hall (2006) e esquecimentos direcionados como os argumentados por Candau (2011) emergem dessa modernidade líquida cunhada por Bauman (2001).

Dessa nova relação entre Estado e Nação, desfaz-se o monopólio das instituições pela força da concorrência e, com ele, também se desfazem a segurança e as identidades definidas e desprovidas de ambigüidade. Agora, cabe a cada

indivíduo capturar suas identidades utilizando seus próprios recursos e ferramentas e não mais confiando no estado. Flutuar sem apoio em um espaço não definido é muito estimulante e libertador. Para Bauman:

Fazer da “identidade” uma tarefa e o objetivo do trabalho de toda uma vida, em comparação com a atribuição a *estados* da era pré-moderna, foi um ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis (BAUMAN, 2005, p. 56).

Liberto, cada indivíduo se constrói a sua maneira. Porém, essa construção apresenta desafios que podem causar ansiedade e insegurança. Assim como o próprio ser, o outro também é livre para se construir e se reconstruir. Dessa forma, são poucas as certezas de que um relacionamento no qual se colocou energia e esperança torne-se sólido. De acordo com o autor:

Buscamos o amor para encontrarmos auxílio, confiança, segurança, mas os labores do amor, infinitamente longos, talvez intermináveis, geram os seus próprios confrontos, as suas próprias incertezas e inseguranças. No amor, não há ajustes imediatos, soluções eternas, garantia de satisfação plena e vitalícia, ou de devolução do dinheiro no caso de a plena satisfação não ser instantânea e genuína. Todos os recursos pagos para evitar os riscos com que a nossa sociedade de consumo nos acostumou estão ausentes no amor. Mas, seduzidos pelas promessas dos comerciantes, perdemos as habilidades necessárias para enfrentar e vencer os riscos por nós mesmos. E assim tendemos a reduzir os relacionamentos amorosos ao modo “consumista”, o único com que nos sentimos seguros e à vontade (BAUMAN, 2005, p. 70).

A satisfação, segundo a visão de Bauman (2005), passa a ser o objetivo principal em todas as relações que o indivíduo estabelece. Seja em seu emprego, em sua família, com seus amigos ou até nas amorosas, é a satisfação imediata o que estimula a continuidade e permanência em cada uma delas. Esse modo “consumista” de se relacionar fez com que a “permissão de entrar” venha acompanhada da “permissão de sair”. Assim, cada parceiro é livre para buscar sua satisfação onde ou com quem bem queira.

Sem vínculos mais profundos ou compromissos a longo prazo, esse indivíduo foge da monotonia e do desgaste. No entanto, nesse processo, vive à mercê de ameaças flutuantes e de um futuro impermeável. Contudo, a identidade individual é constituída pela referência aos vínculos fidedignos e estáveis que se estabelece e, nesse processo, busca-se obter o que de melhor um e outro possam ter. Esse

movimento traz a segurança que um compromisso perene pode oferecer. E, na falta dele, a solução poderia vir por uma profusão de relacionamentos. Nesse sentido, Bauman descreve:

Se não é possível confiar na qualidade, quem sabe a salvação não está na quantidade? Se todo relacionamento é frágil, quem sabe o recurso de multiplicar e acumular relacionamentos não vai tornar o terreno menos traiçoeiro? Graças a Deus você *pode* acumulá-los – justamente porque eles são, todos eles, frágeis e descartáveis! E assim buscamos a salvação nas “redes”, cuja vantagem sobre os laços fortes e apertados é tornarem igualmente fácil conectar-se e desconectar-se [...] Substituímos os poucos *relacionamentos* profundos por uma profusão de *contatos* pouco consistentes e superficiais (BAUMAN, 2005, p. 76).

Essa forma de pensar, sentir e agir também altera a forma como o indivíduo se relaciona e compreende o que é sagrado. Para Bauman (2005), sem uma preocupação em estabelecer vínculos a longo prazo, a preocupação com o eterno é suprimida pela preocupação com o agora. Em contraste, a velocidade da mudança esvai o valor da durabilidade e as pontes com o divino são rarefeitas para que o ser concentre sua atenção e energia em sua capacidade individual de consumo.

“Imortalidade? Eternidade? Ótimo - onde está o parque temático em que eu posso experimentá-los imediatamente?” (BAUMAN, 2005, p. 81). Para o autor, nunca se viveu tão desprovido das pontes do sagrado e não se sabe onde isso pode dar. Mas ainda é perceptível que aqueles que são diferentes e que, por isso, tentam utilizar suas identidades para não ceder a pressões coletivas continuam a se identificar como não pertencentes e se sentem como alvos frente aos grupos majoritários que detém o poder cultural.

Em uma luta defensiva para que seus iguais não sejam dissolvidos por uma sociedade em que as diferenças são aceitas, mas não compreendidas, trava-se uma luta contra a fragmentação. Para minar as bases do pensamento universalista, Bauman (2005) propõe que há que se parar de tentar endireitar o torto e conciliar o incompatível. Para ele:

A identidade – sejamos claro sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado... (BAUMAN, 2005, p. 83/84)

Em meio a essa luta, são as mulheres um grupo identitário que resguarda entre si uma profusão de significados, mas que, em todos eles, sofre com uma sociedade patriarcal e discriminatória que, desde há muito, impõe seu poder cultural e subjuga o feminino a espaços e tempos controlados e inferiores. Assim como propõe Bauman (2005), elas lutam e estão conquistando, aos poucos, mais voz e melhores colocações. No entanto, uma mudança cultural na sociedade não se faz da noite para o dia.

Suas lutas vêm conquistando maiores espaços e seus desejos não mais são totalmente calados. Porém, inseridos em uma sociedade normatizadora e balizadora que imprime ritmo, espaço e tempo deixando suas marcas na(s) identidade(s) que as adolescentes estão formando, não é fácil se abster de todos conceitos previamente definidos culturalmente, nem se erguer em meio à opressão realizada pelo grupo masculino que se mantém dominante.

Sabe-se que as questões de gênero são um assunto que muito interessa e inquieta essas adolescentes e que, em plena puberdade, elas almejam ver, compreender, experimentar e vivenciar diferentes realidades. Nesse sentido, são necessários alguns apontamentos sobre as questões de gênero que se apresentam na próxima seção desse trabalho.

## 2.2 Questões de Gênero

*A gente não nasce mulher, torna-se mulher.*

*Simone de Beauvoir*

*Ser um homem feminino*

*Não fere o meu lado masculino*

*Se Deus é menina e menino*

*Sou masculino e feminino*

*Pepeu Gomes*

Em 1949, Simone de Beauvoir publica em uma revista francesa alguns dos capítulos de seu livro “O segundo sexo”. Obra que traz essa frase que impacta por sua audácia e originalidade. Em 1983, Pedro Anibal de Oliveira Gomes (Pepeu Gomes) lança seu álbum “Masculino e Feminino”, que também nomeia a música que tem uma de suas estrofes em destaque acima. A epígrafe que abre a presente seção combina essas referências que, apesar da distância física e temporal entre elas, mostram-se complementares ao declararem que os gêneros podem ser entendidos como papéis culturais reforçados por uma sociedade.

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2003, p. 24/25).

Nesse sentido, a constituição do gênero e sua relação com o sexo biológico, seu papel na formação da identidade individual, a influência da cultura para essa definição e as consequências do falocentrismo e da heterossexualidade compulsória são questões que nortearão a narrativa que irá se apresentar agora e contará com trabalhos publicados pela autora e pesquisadora Judith Butler para essa fundamentação. Logo, compreender como corpo, sexo, gênero e sexualidade se relacionam é ponto fundamental para essa explanação.

O corpo abriga sexo, gênero e a própria sexualidade que orienta os desejos individuais. Porém, em uma sociedade ocidental em que a dicotomia cristã entre corpo/alma, profano/sagrado, material/imaterial fundamenta a cultura e muitas de suas expressões, é difícil abstrair do que é físico para se compreender algo que vai além do que se pode ver. Assim, imerso em uma sociedade que crê que o binarismo macho/fêmea deve se replicar ao gênero masculino/feminino e que, apoiada nessa mentalidade, enxerga e exige que a heterossexualidade seja a única expressão natural para as relações humanas, é muito sofrido viver de uma forma diferente.

Figura 2 – Além do gênero binário



Fonte: Por Albin Olsson - Obra do próprio, CC BY-SA 3.0

A figura anterior é de Conchita Wurst durante uma entrevista em Copenhague, Dinamarca, em abril de 2014. A cidade sediava o “Festival Eurovisão da Canção” daquele ano e Wurst foi a cantora austríaca que representou a Áustria na competição. Ela foi sagrada a vencedora do concurso com a música "Rise Like a Phoenix". Porém, sua participação rendeu vários conflitos. Apresentando-se como uma travesti barbada, enfrentou até petições da Rússia, Bielorrússia e Armênia que tentaram removê-la da competição ou exigiram, ao menos, que sua parte fosse editada afim de que não fosse veiculada nesses países.

Todavia, o que realmente incomodava naquela situação? Na mentalidade binária em que se é ou homem ou mulher, como explicar uma mulher que tem barba? Como catalogar e inserir pessoas como Wurst que, ao fugir dos padrões culturais impostos socialmente, quebram os paradigmas e exigem, mesmo que contra a vontade, uma resignificação de como sexo e gênero se relacionam e são percebidos pelo grupo social dominante. A polêmica causada por ela não aconteceria se o gênero fosse visto além do sexo expresso no corpo físico.

Como uma materialidade intencionalmente organizada, o corpo é sempre uma corporificação de possibilidades tanto condicionadas quanto circunscritas por convenções históricas. Em outras palavras, o corpo é uma situação histórica, como defendeu Beauvoir, e é uma maneira de fazer, dramatizar e reproduzir uma situação histórica (BUTLER, 2018. p. 5).

Infelizmente, a trajetória da humanidade que a cultura patriarcal escreveu não admite aquelas que não se enquadram em seu modelo binário predefinido. Ainda é recorrente a violência contra gays, lésbicas, travestis e transgêneros nesse início de século XXI. De acordo com um artigo publicado por Wallace Mendes e Cosme Silva na revista “Ciência & Saúde Coletiva” no primeiro semestre de 2020, o Brasil é o país que lidera o ranking de maior número absoluto de homicídios contra essa população do mundo. Muitos deles provocados por agressões intencionais e violência, principalmente nas regiões de IDH mais baixos. A população mais atingida por crimes de ódio causados por homofobia são os jovens de raça/cor branca ou parda. Nesse sentido, Judith Butler explica.

Ver uma travesti subir ao palco pode suscitar prazer e aplausos, enquanto que vê-la sentada ao nosso lado no ônibus pode despertar medo, raiva e até mesmo violência. Fica claro que, em ambas as situações, as convenções que medeiam a proximidade e a identificação são bastante diferentes. [...] No teatro é possível dizer “isso é só atuação”, e assim desrealizar o ato, ou seja, separar completamente a atuação da realidade. Com essa distinção, reforça-se o sentido do que é real face a esse desafio temporário a nossas premissas ontológicas quanto a configurações de gênero; as várias convenções que anunciam que “isso é apenas uma peça” nos permitem traçar linhas rígidas entre a performance e a vida. Na rua ou no ônibus, o ato se torna perigoso, se realizado, porque simplesmente não há convenções teatrais delineando o caráter puramente imaginário do ato; não existe, na rua ou no ônibus, qualquer presunção de que o ato é diferente da realidade. O efeito perturbador do ato deriva da ausência de convenções que facilitem essa demarcação (BUTLER, 2018. p. 12).

Convenções sociais que são transmitidas às próximas gerações, muitas vezes, sem qualquer reflexão prévia. Ao nascer com pênis, a pessoa é identificada como um menino e, geralmente, tem a cor azul adornando quase todas as peças de seu enxoval. Se, ao contrário, nasce com uma vulva aparente, aí é o rosa a cor dominante de seu vestuário, brinquedos e até móveis. Para Butler (2003) esse pode ser um dos problemas relacionados ao gênero.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem

tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p. 24).

Apresentado como uma superfície que recebe uma inscrição cultural, o corpo é politicamente regulado por uma cultura falocêntrica e em que a heterossexualidade é compulsória. Dessa forma, tanto as leis quanto as convenções reforçam as punições como forma de oprimir as identidades de gênero que fujam do binarismo macho/fêmea, homem/mulher. E é a ambivalência que carrega biologicamente o intersexual e expressa fenotipicamente o travesti que desafia essas leis estruturais ao não se encaixarem nos padrões pré-estabelecidos culturalmente.

Contra toda imobilidade naturalizada que as estruturas jurídicas contemporâneas concebem, as performances de gênero trariam para as identidades o respiro do *de vir*, do que se constrói permanentemente e, nem por isso, deixa de ser real. Coisas “de menino” e coisas “de menina” se tornariam coisas “de humanos”. Pra além de um núcleo rígido de como devem ou não pensar e se comportar homens e mulheres, ou seja, de uma identidade pré-existente que dite normas e padrões, as pessoas construiriam o próprio gênero a partir de suas identidades individuais. Porém, para isso acontecer, há que se desapegar do masculino e feminino já constituídos culturalmente na sociedade, conforme diz Butler.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003, p. 201).

Logo, ao se transformar as formas de ser e pensar o que define e, logicamente, limita o feminino e o masculino, sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero se relacionariam com infindáveis combinações. Algumas delas, com diferentes ações performativas que poderiam compor o repertório de uma só pessoa, sem que parecessem irrealis ou fictícias. Performar um gênero é atribuir expressão ao que se pensa, ao que se sente, ao que se é, sem medo de possíveis punições ou retaliações. E, assim, se descobrir e se ressignificar a cada nova experiência.



Essa nova forma de viver e de experimentar o gênero tem o poder de contribuir para uma mudança estrutural na sociedade e na cultura de um Estado-Nação, conforme Bauman (2005) discute na seção anterior, que, com o avançar de seu tempo-histórico, possa diminuir as diferenças entre o que hoje se entende como feminino e masculino e dar oportunidades mais igualitárias para todos sem a distinção de gênero que faz com que, em algumas profissões e/ou lugares a serem ocupados, as mulheres e todos aqueles que se identificam com o gênero feminino fiquem de fora ou sejam menos reconhecidos.

Nesse sentido, realizar o levantamento de dados por meio do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no final da segunda década do século XXI poderá contribuir para melhor compreender as questões de gênero e identificar como o feminino pode impactar nos diferentes papéis sociais que se ocupam em uma cultura.

Para melhor compreender o feminino; algumas das raízes da misoginia e do patriarcado impregnados na cultura brasileira; a influência cristã e europeia que atravessam as identidades nacionais; parte da explicação de como a sexualidade feminina foi abafada pelos portugueses desde sua ocupação do território brasileiro e como surge a resistência feminina e as lutas por maior visibilidade e respeito, segue-se a próxima seção.

### **2.3 Gênero Feminino**

*Eu não me vejo na palavra  
fêmea: alvo de caça  
conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa  
traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar.*

*Um homem não me define*

*minha casa não me define  
minha carne não me define  
eu sou meu próprio lar*

*Francisco, el hombre*

As estrofes que compõem a epígrafe que abre essa seção são trechos da música “Triste, louca ou má”. Sua letra faz referência a uma mulher que desafia padrões, que não se encaixa nos papéis sociais pré-determinados culturalmente e que se reinventa dentro de si mesma. E, por sua característica, deu voz a mulheres que lutam contra a misoginia de papéis sociais que as trazem submissas, frágeis e dependentes. Uma perfeita descendente de Eva que, ao morder a maçã, trouxe o pecado à tona e causou a expulsão do primeiro casal humano do paraíso.

Não por coincidência ou acaso, o mais importante livro cristão, a “Bíblia”, traz a primeira mulher como fraca e suscetível às tentações da carne. Eva se deixou seduzir pela serpente e provou a fruta amaldiçoada. Daí em diante, a mulher cristã não mais poderia viver sem um homem que a supervisionasse. Por isso ela saíria da tutela de seu pai para a de seu marido, dono absoluto das decisões e chefe supremo do lar. Submetida a uma mentalidade cristã misógina e patriarcal, a mulher ficou relegada ao segundo plano, até mesmo na História.

Ao atracar no Novo Mundo, os portugueses tiveram uma visão estereotipada das mulheres ameríndias. Andando nuas pelas matas, com funções sociais de cura em que manipulavam diversas ervas em um caldeirão, sem os falsos pudores europeus para com seus corpos e modos, elas foram descritas como um exemplo fiel da degeneração humana. Em “História das mulheres no Brasil”, uma obra organizada por Mary Del Priore, com a participação de diversos historiadores, é clara a visão distorcida e preconceituosa da ameríndia. Nele, a autora/organizadora descreve.

Se a misoginia cristã explica a ligação da imagem feminina à perversão, a teoria da degeneração permite entender as características atribuídas às velhas índias. Elas foram descritas como pervertedoras sexuais, apresentando aos meninos os prazeres da carne. A carne, aqui, possui um duplo significado. O apetite sexual e o estranho gosto de ingerir carne humana não são antagônicos, mas complementares; constituem características inseparáveis das mulheres enrugadas e de seios caídos. Sua decadência física e moral ganha sentido quando entendemos a concepção de história do mundo cristão. Na primavera dos tempos, os homens viviam no Paraíso. O envelhecimento das sociedades humanas teria promovido a

degradação das leis naturais e a decadência da humanidade (DEL PRIORE, 2004, p. 42).

Muitas vezes encarnada em uma figura decrépita e pecaminosa, a mulher ameríndia, especialmente as mais velhas, era vista como algo obscuro, inclusive para a medicina. Acreditava-se na permanente luta que era cravada em seu interior por Deus e o Diabo, era ele um extrato do céu e do inferno e o destino biológico da mulher estava sempre associado à moral e ao metafísico.

Das velhas ameríndias às europeias, principalmente as portuguesas, não havia muita diferença em relação aos estudos biológicos de sua morfologia. Na contramão de França, Inglaterra e Holanda, Portugal vivia a Inquisição e, em seu fervor ortodoxo, coibia e detinha qualquer avanço ou nova iniciativa, científica ou cultural, em prol de um maior entendimento do corpo feminino, pois os considerava sinais de heresia. Nesse sentido.

Nos séculos XVI e XVII, os jesuítas, o Tribunal do Santo Ofício e a Coroa uniram-se contra qualquer nova iniciativa científica ou cultural, considerando-as todas pura heresia. Tal reação levou as universidades e os colégios a uma dura fase de estagnação [...]. O ensino oficial de medicina mostrava-se impermeável a todo o progresso que se verificava fora de Portugal, continuando a oferecer, para a desgraça de seus doentes, um exemplo extremo de dogmatismo.

Carente de profissionais, desprovido de cirurgiões, pobre de boticas e boticários, Portugal naufragava em obscurantismo, e levava a colônia junto. O discurso de seus médicos inscrevia-se naturalmente no discurso da Igreja, dentro do qual doença e cura estavam relacionadas ao maior ou menor número de pecados cometidos pelo doente (DEL PRIORE, 2004. p. 83/84).

Mas a situação ainda poderia piorar. Sem conhecimentos para fundamentar a medicina em relação ao corpo feminino que, subestimado, ficava à própria sorte, os portugueses passaram a perseguir as mulheres que sabiam como tratar o próprio corpo, transformando o trabalho de curandeiras e benzedeiros como manifestações do próprio Satã e as cunhando como bruxas ou feiticeiras malévolas. O útero, até então, era um terreno desconhecido e místico. Inserido nessa cultura machista, era entendido como um receptáculo sagrado que necessitava frutificar, destinando a procriação como o principal papel feminino. Segundo a autora/organizadora.

Tal mistério era refutado por uma crença geral: a fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho. Segundo Aristóteles (384-322 a.C.), era o homem quem insuflava alma, vida e movimento à matéria inerte produzida no útero pela mulher. No entender de muitos médicos da

época, a mulher não passava de um mecanismo criado por Deus exclusivamente para servir à reprodução. Assim como a pluma do poeta ou a espada do guerreiro, ela era só um instrumento passivo do qual seu dono se servia (DEL PRIORE, 2004. p. 86).

Com essa premissa divina, a sexualidade feminina era vista apenas com fins reprodutivos. Acreditava-se, inclusive, que contrariar essa função poderia levar a mulher à melancolia (depressão), loucura ou até ninfomania. Logo, ela deveria ser disciplinada para que não cedesse às tentações da carne que sua natureza frágil e lasciva a predispunha. Imersas em uma mentalidade cristã que via as doenças como uma resposta moral à presença do Demônio, acreditava-se que até o sangue menstrual tinha o poder de causar alucinações ou levar à morte quem o ingerisse.

Assim, controlada pelo homem responsável por sua disciplina, seja na figura do pai, do marido ou do médico, o remédio para todo e qualquer problema feminino era a gravidez, vocação biológica e papel principal da mulher, que a colocava em um lugar de dependência masculina de forma recorrente. Mesmo cumprindo sua função, essa mulher ainda teria que sobreviver a três sangrias durante sua gestação e mais quantas fossem necessárias no pós-parto com o objetivo de prevenir a febre e a perda de sangue provenientes dos esforços do parto, conforme Del Priore descreve.

Sangramentos somados a hemorragias uterinas provocadas pelo parto eram o risco mais imprevisível e brutal por que passavam as mulheres, e isso as levava, muitas vezes, à morte por esgotamento. Marcada por síncope, entrecortada por espasmos, convulsões e gritos de sofrimento, essa forma horrível de morrer esvaindo-se em sangue lembrava uma espécie de rito sacrificial em que a mãe dava a vida pelo rebento (DEL PRIORE, 2004. p. 102).

Sacrifícios impostos pela ignorância da época que sequer conhecia o fenômeno da eclampsia. Porém, cárceres da própria crença de que o corpo feminino era um local místico em que guerreavam Deus e o Diabo, sobre todos seus propósitos de dominação e submissão patriarcal, os médicos acabaram por legitimar um território de resistência feminina em que mulheres cuidavam de seus pares e o saber feminino era passado às próximas gerações. Como é descrito a seguir.

Essa ponte com o sobrenatural significou mais do que simples processos de cura na ausência de médicos e doutores; foi também oportunidade para as mulheres se solidarizarem, trocando entre si saberes relativos aos seus próprios corpos trazidos de áreas geográficas tão diferentes quanto a África ou a península Ibérica. Foi uma oportunidade de entrelaçamentos múltiplos, pois negras, mulatas, índias e brancas tratavam-se mutuamente, com

gestos, palavras e práticas características de cada cultura. Permitiu que as mulheres preservassem sua intimidade e a cultura feminina do saber-fazer diante dos avanços da medicina, que prescrevia para os seus males remédios muito diferentes daqueles com os quais estavam acostumadas a lidar (orações aos santos protetores, ervas e flores do quintal, água benta) (DEL PRIORE, 2004. p. 116/117).

Esses diálogos e trocas tão intensas acabaram por dar força a uma resistência feminina que nunca deixou de existir, a despeito das culturas vigentes de cada grupo social. Ainda sem corpo ou nome, o feminismo surge como um movimento que preserva e resguarda os saberes acumulados por tantas mulheres; que as faz querer ir além do que lhes é permitido e que culmina em uma revolução feminista que muda os rumos da diferenciação dos sexos e os respectivos gêneros até então estabelecidos. Mas essa luta não se fez tão rapidamente.

Sem um lugar de fala e sobrevivendo pelas margens, a mulher do Brasil colonial não tinha quaisquer direitos. No entanto, a partir do período imperial, com ênfase no século XX, muito foi conquistado: o direito à educação, a regularização do trabalho feminino, salários mais igualitários, o direito ao voto e à candidatura em cargos eletivos, a aprovação da lei do divórcio, o surgimento e disseminação dos métodos contraceptivos e a incorporação de leis e delegacias específicas contra a violência doméstica.

Todavia, ainda há muito o que se conquistar. Em pleno século XXI, o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontaram que, no primeiro semestre de 2020, houve um aumento no número de feminicídios se comparado ao mesmo período do ano anterior. Das 1890 mortes femininas, 631 foram motivados pela misoginia ainda tão presente na cultura brasileira. Dessas mulheres, 73% são negras.

O racismo e o patriarcalismo que estiveram presentes em um Brasil escravocrata e com grandes desigualdades econômicas e sociais em seus períodos colonial e imperial ainda luta, no século XXI, por equanimidade nas oportunidades, seja na educação, no mercado de trabalho ou na política. Mas essa luta é ainda maior quando se realiza um recorte que foca o gênero feminino.

Por isso, a importância de identificar e analisar os resultados coletados por meio do levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino no formato que essa pesquisa propõe. Pois, com esses dados, seria possível ter um recorte, mesmo que limitado, de como as adolescentes e jovens se

identificam no mundo profissional e, por meio desse olhar, realizam suas escolhas nessa fase tão importante da vida.

Para concluir esse capítulo, é sobre a adolescência que tratará a próxima seção. Nela, Calligaris (2000) será um dos autores de referência e trará uma breve contextualização do surgimento desse termo, assim como algumas discussões sobre o que é ser adolescente e como essa fase do desenvolvimento é vista e influenciada pelos adultos que os cercam culturalmente.

Também contribuem nessa seção, Pierre Bourdieu (1983) e seu olhar sobre como as diferentes classes sociais e econômicas podem constituir contextos culturais e necessidades distintas que acarretam em modos diferentes de viver e se relacionar na adolescência e Montechiare (2019) que dá luz à liberdade e diversidade que identificam essa faixa etária e os perigos de uma cultura de ódio que se faz crescente desde a segunda década do século XXI.

Por fim, Bauman (2013, 2004) acrescenta suas contribuições a essa temática relacionando identidade e educação e como um pode transformar o outro, além de aprofundar as questões do mundo virtual e dar ênfase aos perigos que esse novo ambiente pode reservar aos adolescentes e jovens.

## 2.4 Adolescência

*Entrou no escuro de sua palidez  
Estilhaçou seu corpo celular  
Saiu de cena pra se aliviar  
Vestiu o drama uma última vez  
Se liquidou em sua liquidez  
Viralizou no cio da ruína  
Ela era só uma menina  
Ninguém notou a sua depressão  
Seguiu o bando a deslizar a mão  
Para assegurar uma curta*

*Tiago Iorc*

De acordo com Calligaris (2000), o conceito de adolescência é recente enquanto grupo social, estado de espírito ou ideal de cultura. Ele surge na modernidade tardia como resposta a um prolongamento da infância em seu novo encargo de preparar o futuro e se expande da definição de faixa etária por si só. E, assim como a infância, vai se tornando objeto de preocupações, planos e projetos futuros que o caracterizam como uma temática inesgotável.

Segundo Calligaris (2000), um pouco mais crescidos, os adolescentes são uma derivação daquelas crianças felizes que herdaram os anseios dos adultos em suas corridas sociais e se encarregaram de que eles tivessem continuidade. Porém, agora, com corpos, gostos e prazeres mais parecidos com os deles. A partir daí, uma mudança se instala; os adultos começam a transformar o ideal comparativo que vivenciavam com as crianças para um ideal identificatório com o que vivem os adolescentes. Para o autor:

Cada vez mais, o olhar dos adultos se desloca das crianças para os adolescentes, pois o espetáculo de sua felicidade é de fato mais gratificante. Se conseguirmos realizá-la mantendo os adolescentes protegidos e irresponsáveis como crianças, mas com exigências e voracidades de adultos, eles vão nos oferecer um show bem parecido com a felicidade que gostaríamos aqui e agora, para nós (CALLIGARIS, 2000, p. 68).

Conforme Calligaris (2000), idealizando os prazeres da adolescência, que evoluíram dos brinquedos e historinhas das crianças para sexo e dinheiro, há na imagem do adolescente a realização pessoal do adulto sem as cobranças e pressões que a vida apresenta. Assim, essa etapa de vida, torna-se uma imagem plausível e praticável de uma vida feliz quase sem impedimento. No entanto, o autor adverte:

Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar. Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer. Suma sabedoria. Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos é manifestamente a de rejuvenescer? (CALLIGARIS, 2000, p. 74).

Ainda segundo o autor (2000), com a adolescência alçando o posto de ideal cultural, não mais ela precisaria acabar. Pois, tornar-se adulto não apresentaria qualquer vantagem. Nessa realidade, não seria inteligente perder as benéficas de

sua atual etapa de vida para ter que encarar as dificuldades e lutas que a vida adulta exige. Logo, continuar ocupando o lugar de sonhos dos adultos é muito mais confortável e prazeroso.

Contudo, ainda há a busca da autonomia pelo adolescente que a tem como um sonho de liberdade a ser alcançado. Para Calligaris (2000), mesmo sem depender tanto do reconhecimento dos adultos como um consenso cultural que marca o processo de passagem da adolescência para a vida adulta, esses adolescentes buscam sair desse mundo idealizado e enfrentar a realidade apresentada com seus ônus e bônus para se estabelecerem enquanto indivíduos autônomos.

Porém, são diferentes as condições que cada grupo ou classe de adolescentes têm para vivenciarem essas transformações. Vistos como membros de grupos de consumo bastante definidos, esses adolescentes são alvos exaltados pelo marketing que busca catalogá-los para, então, comercializar todos os objetos que os compõem como membros desse seletivo grupo almejado e idealizado por tantos. De acordo com Calligaris:

Os adolescentes [...] sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos. No mínimo, são comunidades de estilo regradas por traços de identidade claros e definidos, pois os membros devem poder pertencer a elas sem ter de coçar a cabeça se perguntando: "Mas o que será que os outros querem para me aceitar?" Os grupos têm portanto em comum um look (vestimentas, cabelos, maquiagem), preferências culturais (tipo de música, imprensa) e comportamentos (bares, clubes, restaurantes etc.). O resultado disso é que cada grupo impõe facilmente a seus membros uma conformidade de consumo bastante definida. Por isso mesmo, todos os grupos se tornam também grupos de consumo facilmente comercializáveis. Os adolescentes, organizados em identidades que eles querem poder reconhecer sem hesitação, se tornam consumidores ideais por serem um público-alvo perfeitamente definido. A adolescência e suas variantes são assim um negócio excelente. O próprio marketing se encarrega de definir e cristalizar os grupos adolescentes, o máximo possível (CALLIGARIS, 2000, p. 57 e 58).

Também nesse sentido, Pierre Bourdieu (1983) apresenta o pensamento de que a adolescência em si é uma classificação que, a partir da definição de uma faixa etária, no caso, dos 12 aos 18 anos, de acordo com a lei brasileira, impõe limites e produz uma ordem onde cada indivíduo deve se manter em seu lugar. Dessa forma, falar da adolescência como uma unidade social ou um grupo constituído que detêm



interesses comuns a partir de um dado biológico, como o é a idade, evidencia a manipulação que a cultura impõe na construção de suas identidades.

Há diferenças nas condições de vida entre os adolescentes que marcam profundamente esses seres. Sejam pelas classes sociais e econômicas em que estão inseridos, seja pelo acesso a diferentes oportunidades quando na formação acadêmica ou até para o ingresso no mercado de trabalho. Enfim, entre um adolescente que começa trabalhar aos 14 anos para ajudar a família a se sustentar e outro que tem todas suas necessidades atendidas para poder focar sua força e atenção em seus estudos há diferentes significados de adolescência. Para Bourdieu:

Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc. Encontraríamos diferenças análogas em todos os domínios da existência: por exemplo, os garotos mal vestidos, de cabelos longos demais, que nos sábados à noite passeiam com a namorada numa motocicleta em mau estado são os que a polícia pára (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Segundo Bourdieu (1983), são os adolescentes burgueses aqueles que querem prolongar essa fase da vida ao máximo para, com esse subterfúgio, se dirimirem das responsabilidades e obrigações cotidianas que a realidade cobra. Enquanto o jovem operário busca ascender à vida adulta o mais rápido possível, nem que tenha que abandonar a escola, para, entre outras coisas, assumir suas capacidades econômicas e se afirmar frente aos seus colegas e a aqueles que quer ser reconhecido enquanto um indivíduo autônomo. Para o autor:

Ainda hoje uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de aceder o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como um "homem". Este é um dos fatores do mal-estar que a escolaridade prolongada suscita nos filhos das classes populares (BOURDIEU, 1983, p. 114/115).

É tarefa quase impossível categorizar adolescentes com tantas diferenças entre si em uma mesma nomenclatura. Por isso, Bourdieu (1983) fala de juventudes e adolescências. E, nessa mesma linha de pensamento, Renata Montechiare (2019) organiza uma obra que reúne uma série de autores que relatam diferentes vivências pertinentes aos temas de identidades e direitos para a juventude e como essas temáticas se relacionam com a educação. Em um dos textos, destaca-se:

Infelizmente essa “caça as bruxas” da liberdade e da democracia na escola parte de um movimento muito maior, além dos muros, por muros. Um projeto de país não democrático encampado. Um culto de ódios ancestrais e colonização do pensamento, corpos e territórios. A criminalização dos estudos de gênero, muito importante para o enfrentamento do machismo e LGBTfobia nas escolas é um exemplo muito concreto (MONTECHIARE, 2019, p. 48).

Na citação acima, Montechiare (2019) chama a atenção para um problema que atinge, em especial, público-alvo dessa pesquisa: as adolescentes do sexo feminino. Nele, faz-se referência ao projeto “Escola sem Partido” que, apesar de buscar combater qualquer perspectiva ideológica, promove, com sua isenção para tratar de várias temáticas importantes, uma ideologia que oprime e reforça as desigualdades sociais.

Uma vez implementado nas instituições escolares, esse projeto poderia contribuir para que a violência, a intolerância e o feminicídio aumentassem, pois teria a aprovação que a omissão pode acarretar. Montechiare (2019), também ressalta como, no início da segunda década do século XXI, ainda há uma cultura de ódio que cresce, tanto nas ruas e lares brasileiros, como no mundo virtual que, por vezes, transparece uma falta de controle para identificar os agressores e de onde vieram seus crimes. A esse respeito, leia-se:

Nessa mesma linha da violência, uma cultura de ódio gratuito cresce no ambiente virtual e fortalece a violência física pelas ruas em nosso país. O escancaramento da intolerância e opressão de gênero, orientação sexual, raça e etnia, classe e até mesmo ideológica e partidária nas redes apresenta uma face de país com frieza no olhar sobre a diversidade. Um profundo problema de educação: a intolerância. Temos pessoas cada vez mais integradas a dispositivos móveis, mídias sociais e internet com dificuldade de saber lidar com o enorme conjunto de informações que chegam todos os dias (MONTECHIARE, 2019, p. 48).

Como precondição de democracia, liberdade e diversidade, o ensino e a compreensão das tecnologias de comunicação e de seus alcances e perigos

precisam ser revisitados por professores e gestores escolares para que haja ações institucionais que promovam uma maior liberdade de expressão e de informação. Assim, esses adolescentes, principalmente as do gênero feminino, estariam melhor preparadas para lidar com os diversos meios tecnológicos e poderiam inaugurar uma nova forma de expressão para que um grupo subjugado pudesse ter sua voz e seu espaço.

Nesse sentido, Bauman (2013), em uma conversa com Riccardo Mazzeo, repensa em seu livro como a educação e a juventude poderiam ser propulsoras uma da outra e complementares para a construção de uma nova cultura. Entre uma série de temáticas, o autor deixa claro que a construção do futuro ainda está aberta para uma série de possibilidades. Segundo ele:

Se é verdade (e é) que cada conjunto de circunstâncias contém algumas oportunidades e seus perigos, também é verdade que cada qual está repleto tanto de rebelião quanto de conformismo. Não nos esqueçamos de que toda maioria começou como uma pequenina, invisível e imperceptível minoria. E que mesmo carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas (BAUMAN, 2013, p. 18)

O autor destaca ainda que, para que o futuro siga rumo à democracia, à liberdade de expressão, à tolerância, ao respeito e à paz, as conexões deveriam ir para além do mundo virtual a fim de construir uma rede de trabalho em que haja a ampliação da qualidade e da equidade entre todos os atores educacionais. Nesse processo, os adolescentes iriam perceber, discutir e criar estratégias para o enfrentamento das opressões vivenciadas.

Uma dessas opressões, além das discutidas anteriormente, e que muito preocupa instituições educacionais e famílias, é a dependência quase que total desses adolescentes à tecnologia e aos recursos que ela oferta, como jogos e as redes sociais. As comunicações, com o implemento dessas redes, ultrapassou fronteiras e distorceu tempos. Porém, apesar de aproximar pessoas de diferentes espaços, ela também criou alvos para um mercado mais inteligente e robótico. Sobre isso, Bauman descreve:

Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. “Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam “imersão os

jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado”. Um estudo recente, orientado pela Kaiser Family Foundation, descobriu que jovens dos oito aos dezoito anos gastam agora mais de sete horas e meia por dia com smartphones, computadores, televisores e outros instrumentos eletrônicos, em comparação com as menos de seis horas e meia de cinco anos atrás. Quando se acrescenta o tempo adicional que os jovens passam postando textos, falando em seus celulares ou realizando múltiplas tarefas, tais como ver TV enquanto atualizam o Facebook, o número sobe para um total de onze horas de conteúdo de mídia por dia (BAUMAN, 2013, p. 32/33).

Esses dados assustam e fazem com se reflita em torno de ações que possam equilibrar ou, pelo menos, incentivar um uso mais harmônico e equilibrado dos recursos computacionais que um pequeno *smartphone* pode guardar. Essa é uma discussão tão séria e importante que será destrinchada com maior ênfase nas linhas que se seguem.

A epígrafe que inicia essa seção traz a última estrofe da música “Desconstrução”, lançada no álbum “Reconstrução” de Tiago Iorc. Nela, o cantor, compositor, instrumentista e produtor musical nascido em Brasília faz uma crítica às redes sociais ao expor a história de uma adolescente que busca nessas mídias atenção e carinho. Mas que se perde de si mesma ao querer parecer o que não era. A essa situação, se somam outras que, no decorrer da canção, deflagram sua depressão e a fuga desesperada por um alívio que culmina em seu suicídio.

A história que apresenta o mesmo final de “Construção” de Chico Buarque, música com a qual se assemelha também em ritmo e cadência, muda o foco da exploração da mão de obra evidenciada na obra do primeiro para a solidão e fragilidade das relações afetivas em meio às redes sociais. Em ambos os casos, o final é desolador.

Com o recurso de fotos trabalhadas com diferentes filtros, avatares personalizados que dão forma a aparências até então fictícias, a manipulação de momentos cotidianos vividos para gerar maior número de “curtidas” e a exposição de uma vida feliz e perfeita que esconde muitas das frustrações e mágoas vividas, essa geração que nasce conectada à Internet também carrega o peso de ser ou, pelo menos, parecer ser, muito melhor do que a realidade. Presos aos seus celulares, inauguram uma ciborguização que faz desses aparelhos verdadeiras próteses humanas, sem as quais seria impossível viver. Nesse sentido, Bauman descreve.

Você nunca perde de vista o seu celular. Sua roupa de jogging tem um bolso especial para ele, e você nunca sai com aquele bolso vazio, da mesma forma que não vai correr sem o seu tênis. Na verdade, você não iria a nenhum lugar sem o celular ("nenhum lugar" é, afinal, o espaço sem um celular, com um celular fora de área ou sem bateria). Estando com o seu celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro — mas jamais trancado em um lugar. Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável. As pessoas a seu redor não podem rejeitá-lo e, mesmo que tentassem, nada do que realmente importa iria mudar (BAUMAN, 2004, p. 37).

Nessa nova forma de ser e viver no mundo, não é tão importante onde se está fisicamente ou com quem se está rodeado presencialmente, mas sim que tipos de conexões e trocas se faz virtualmente. A ponto do real e virtual fundirem-se em um cotidiano que sempre está em movimento, das luzes e sinais sonoros dos aparelhos terem maior iminência que as imagens e gritos de alguém próximo, mas desconhecido. O mundo líquido e "ciborguizado" parece ter o poder de acalantar as fragilidades e lutas do cotidiano por curtidas e *likes* de uma realidade online.

Não importa onde você está, quem são as pessoas à sua volta e o que você está fazendo nesse lugar onde estão essas pessoas. A diferença entre um lugar e outro, entre um e outro grupo de pessoas ao alcance de sua visão e de seu toque, foi suprimida, tornou-se nula e vazia. Você é o único ponto estável num universo de objetos em movimento — e assim o são igualmente (graças a você, graças a você!) suas extensões: suas conexões. Estas permanecerão incólumes apesar de os que estão conectados por elas se moverem. Conexões são rochas em meio a areias movediças. Com elas você pode contar — e, já que confia na sua solidariedade, pode parar de se preocupar com o aspecto lamacento e traiçoeiramente escorregadio do terreno onde está pisando quando uma chamada ou mensagem é enviada ou recebida. (BAUMAN, 2004, p. 37).

Embora não criem essa dependência, os celulares e demais dispositivos eletrônicos facilitam a fuga para um lugar que, em muitas das vezes, se é o que se pretende ser, mesmo que esse esforço ignore o ter que lidar com as mazelas e contrariedades de uma vida sem maiores acontecimentos.

Imersas nessa nova configuração de vida, adolescentes que se identificam com o gênero feminino podem sentir a opressão que as persegue há séculos, como relatou, na seção anterior, Mary Del Priore (2004) sobre a luta feminina contra a misoginia e o patriarcado que domina a cultura brasileira. Pois, muitas vezes, é esperado, por grande parte dos usuários desse mundo virtual, fotos que valorizem a beleza, manifestações que demonstrem uma felicidade constante e a propagação de uma vida perfeita, mesmo que superficial e que não represente a realidade.

Nessa busca por aprovação que se concretiza com um grande número de “likes” em cada publicação do mundo virtual, essas adolescentes e jovens podem se ver construindo identidades superficiais que atendem ao que se espera nessa sociedade virtual, mas que se distancia do que as faz humanas e reais. Tal qual a personagem da música “Desconstrução” de Tiago Iorc, elas podem se perder em meio a tantas possibilidades de ser e de parecer ser e, assim, viverem em um labirinto de desencontros e decepções.

Frente às necessidades que as adolescentes e jovens desse início de século XXI vivenciam, faz-se premente identificar e analisar os resultados coletados por meio do levantamento do Estado do Conhecimento sobre essas temáticas, com ênfase nas identidades do gênero feminino. Para, então, compreenderem as lutas femininas travadas e, ao perceberem seus lugares e tempo históricos, compreenderem-se enquanto um grupo identitário que, acima de todas suas diferenças, necessita romper as limitações de uma sociedade patriarcal e discriminatória.

Com esse estudo, também há como colocar em pauta a discussão sobre uma educação que priorize a formação integral de seus estudantes e que os estimule a pensar por si só e a ser e realizar o que cada um sonha conquistar. Nos moldes que priorizem a formação humana e reflexiva, é função das instituições educacionais estimular a autonomia e confiança na possibilidade de mudança e de melhorias na própria vida, na sociedade em que está inserida e, quiçá, no mundo.

Para tal, há que se reconhecer que as estudantes femininas vivem e constroem suas identidades sob a influência de uma cultura dominante e que se há um recorte dessa realidade quando em seu ingresso em uma instituição de ensino, também há uma segregação social que facilita para que as diferenças se perpetuem. Logo, há que se compreender a estudante do gênero feminino como um indivíduo cultural e social para além das demandas que o ensino propedêutico prevê.

De posse dos resultados encontrados por meio dessa pesquisa, saber-se-á se a formação integral que tem um de seus eixos na formação sócio-histórica está sendo trabalhada. Para melhor compreender como se realizará a metodologia de busca, identificação, coleta e análise de dados, haverá um detalhamento de todo esse processo no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO CONHECIMENTO

*Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?*

*Isso depende muito de para onde queres ir - respondeu o gato.*

*Preocupa-me pouco aonde ir - disse Alice.*

*Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas - replicou o gato.*

*Lewis Carroll*

A construção de identidades e como elas perpassam e se conectam ao que se compreende como gênero feminino pela sociedade e cultura brasileiras do século XXI são temáticas que emergem desde as discussões levantadas sobre a pós-modernidade e como cada sujeito se constrói e se reconstrói em um movimento circular e perene e reverbera até a luta das minorias e de determinadas classes por direitos mais equânimes, como é o caso das mulheres e de todos que se identificam com o gênero feminino.

Aprofundando nessa questão, há a preocupação em como as novas gerações têm internalizado essas temáticas e quais contribuições as instituições de ensino se predispõe a realizar, seja por uma preocupação holística com a formação integral do ser humano, levando em conta suas realidades sociais, psicológicas e culturais, seja por uma responsabilidade política e educacional em que temas como identidade e gêneros sejam entendidos como pilares para a construção de uma sociedade mais igualitária e menos verticalizada.

Imergindo um pouco mais nesse espectro de atuação, os cursos técnicos integrados ao ensino médio são espaços educacionais que foram criados com o objetivo de oferecerem educação nos contextos social, político, econômico e cultural de forma a dar condições aos seus estudantes de compreenderem as transformações que ocorrem em níveis locais, regionais e até planetárias e, assim, atuarem baseados nos saberes apreendidos pelas complexas dimensões por ele

trabalhadas a fim de alcançarem uma formação técnica e humana sem que se excluam reflexões sobre seu tempo e lugar histórico.

Logo, realizar uma pesquisa bibliográfica que se utilize do Estado do Conhecimento sobre estudos de identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil é uma forma de compreender em que direção estão apontando as pesquisas *stricto sensu* realizadas e verificar como essa dimensão em torno da formação integral tem sido explorada. Para viabilizar a identificação e posterior tratamento e análise de dados, essa busca será limitada ao período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021).

Para alinhar essas buscas, foram elencadas as seguintes perguntas de pesquisa: Há teses e dissertações que tratam a temática de identidade e gênero feminino, pensando na integração do ensino, no período citado (de 2016 a 2021)? Existem lacunas para estudos posteriores na área, isto é, que articulem a proposta de formação integrada (Ensino Médio Integrado), identidade e gênero feminino?

Com o propósito de respondê-las, serão identificadas teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tratam sobre a temática abordada no período citado, apontando seus principais resultados. E, frente a eles, elencar o que foi pesquisado e os resultados obtidos e, caso haja, identificar possíveis lacunas para estudos posteriores na área. Esse portal foi escolhido por disponibilizar os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa e por ser totalmente gratuito.

Desse modo, rever os caminhos já percorridos no momento da definição de um objeto de pesquisa é uma das condições principais para que uma pesquisa se constitua em uma contribuição não só para seus pares, como também social, cultural e de incentivo a mudanças e crescimentos em determinada área. Por isso, um dos primeiros passos a se realizar é o Estado da Arte da temática que envolve essa pesquisa.

Com ele, pode-se aprender com os trabalhos publicados e os resultados neles alcançados, além de identificar possíveis lacunas e demandas emergentes que poderão dar maior credibilidade e pertinência ao que está sendo proposto.



Em uma busca rápida por algumas publicações mais recentes sobre o Estado da Arte, vê-se que surge também uma outra expressão: o Estado do Conhecimento. Embora expressem significados diferentes, tais conceitos são confundidos como sinônimos por muitos pesquisadores. Para eles, ambos refletem um panorama de como uma temática foi desenvolvida e pesquisada por outros autores, sejam brasileiros ou estrangeiros.

Porém, em um estudo mais detido sobre ambos, ver-se-á que o Estado do Conhecimento, segundo Silva e Souza (2020), apresenta particularidades e metodologias de trabalho que o especificam e particularizam em relação ao Estado da Arte. No primeiro há um estudo mais específico e analítico quando comparado ao segundo. Veja o que dizem as autoras sobre o Estado da Arte:

Esse tipo de estudo é amplo e abrangente, pois leva em conta desde os resumos de artigos publicados em periódicos e eventos, até a produção de teses e dissertações. Isso possibilita estabelecer intercâmbio com outras áreas do conhecimento, analisando como determinado tema é diferentemente abordado nas áreas, suas contribuições, contradições, desafios propostos e lacunas que precisam ser preenchidas com novos estudos. Esse tipo de aprofundamento da análise permite estabelecer relações com diferentes produções bibliográficas (artigos, teses, dissertações e publicações em anais de eventos) em determinada área ou favorecer o diálogo entre diferentes campos do saber (SILVA e SOUZA, 2020, p. 04).

Agora, observe a diferença quando elas definem o Estado do Conhecimento:

Para estabelecer a diferença entre os termos utilizados nesse tipo de levantamento e análise, Soares e Maciel (2000) defendem que o “Estado do Conhecimento” é uma metodologia mais restrita, definindo-a como um estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre um determinado tema. Segundo as autoras, a multiplicidade de trabalhos nas diferentes áreas e nas ênfases diversas, não colaboram para integrar as pesquisas e seus resultados, além de não explicar as contradições e as incoerências encontradas. Antes disso, um primeiro passo a ser dado é elaborar um “Estado do Conhecimento” na área selecionada, uma revisão crítica da literatura específica, com a identificação dos aspectos que têm sido valorizados e os referenciais teóricos que vêm subsidiando as pesquisas nos últimos anos (SILVA e SOUZA, 2020, p. 04).

Mais específico e com uma visão crítica do assunto a ser tratado do que o Estado da Arte, o Estado do Conhecimento vem a ser a ferramenta ideal para se atingir os objetivos determinados nessa pesquisa, uma vez que a construção do estado do conhecimento, como atividade acadêmica, vai além de uma mera categorização de informações.

De uma forma geral, conforme apresentado por Silva e Souza (2020), essa construção procura conhecer, sistematizar e analisar a produção do campo científico sobre a temática abordada. Busca ainda elaborar uma produção textual que apresente e justifique a relevância da pesquisa que está sendo realizada e subsidiar a dissertação ou tese, delimitando o tema e ajudando a escolher caminhos metodológicos.

Logo, para atender o objetivo geral dessa pesquisa, qual seja realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil, determinou-se que apenas teses e dissertações serão seus objetos de investigação e que elas serão filtradas dentro de um período específico determinado pelos cinco últimos anos de publicação, que datam entre dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021).

A plataforma de buscas será a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que “integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa” (IBICT, 2022). Pensada e criada no início desse milênio, ela atua de forma gratuita e se consolida, a cada dia, como uma plataforma segura e eficaz para acesso às produções realizadas em âmbito acadêmico stricto sensu.

Em uma busca inicial, será realizada a Leitura Flutuante que Sousa e Santos (2020) trazem como um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise para, a partir deles, elaborar os indicadores de cada Categoria que irão orientar a interpretação e a preparação dos dados encontrados.

Esse primeiro momento se faz importante porque é nele que serão escolhidos os documentos, formuladas as hipóteses e os objetivos dessa busca e, com base neles, elaborados os descritores que orientem a interpretação final dos trabalhos encontrados a fim de se chegar no corpo de análise. Logo, é nesse primeiro contato que serão elencados os trabalhos que serão pertinentes ao objetivo final dessa pesquisa.

Para a realização dessa primeira fase, serão buscados individualmente e, depois, agrupados, os seguintes descritores: “Identidade”, “Gênero Feminino” e “Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio”, com e sem a utilização das aspas. Eles foram retirados do objetivo dessa pesquisa e trazem, em si, inscritas as

temáticas mais pertinentes que movem e delineiam tanto as buscas quanto os caminhos metodológicos que estão sendo definidos para se realizar esse estudo.

Logo, para melhor sistematização e futura análise dos conteúdos encontrados, seguiu-se um método específico para essa busca, a saber: Bibliografia Anotada, Bibliografia Sistematizada, Bibliografia Categorizada e Bibliografia Propositiva. Todos esses passos são parte de um processo em que se inicia com uma leitura flutuante, passando por sua sistematização e categorização, até a proposição dos resultados encontrados e de futuros estudos emergentes (MOROSINI e FERNANDES, 2014).

Segundo Morosini e Fernandes, a Bibliografia Anotada é a primeira das quatro etapas e a mais mecânica delas. Nela, faz-se a busca inicial com os descritores escolhidos a partir da leitura Flutuante e guardam-se informações mais gerais das pesquisas encontradas, tais como: título, autor/a e resumo. Como o resumo na íntegra costuma ser muito extenso, ele é mantido tal qual sua publicação nos Anexos e, na tabela a ser apresentada, faz-se um compilado das principais informações nele contidas.

Já a segunda etapa, a Bibliografia Sistematizada, para as autoras, aprofunda-se mais nas pesquisas encontradas e, com o objetivo de se iniciar uma seleção mais específica para a temática do objeto e construção do estado do conhecimento proposto, faz-se uma primeira filtragem dessas pesquisas. Aquelas que se mostrarem pertinentes aos critérios e objetivos previamente elaborados, são apresentadas em tabelas que detalham melhor seus Objetivos, a Metodologia aplicada e os Resultados encontrados em cada uma delas.

Na terceira etapa, a Bibliografia Categorizada, Morosini e Fernandes (2014) propõem o agrupamento dessas produções por temáticas que irão gerar Categorias. Essas Categorias são nomeadas por critérios selecionados pelo autor da pesquisa em andamento e buscam unir diferentes pesquisas dentro de um mesmo conjunto que se identifica por subsídios teóricos elencados em unidades de contexto como, por exemplo, palavras-chave previamente definidas, e que, por sua vez, assim como nas demais, também serão apresentadas em tabelas.

Por fim, a Bibliografia Propositiva, última etapa proposta por Morosini e Fernandes (2014), analisa de forma qualitativa os dados encontrados e refinados nas etapas anteriores. Nela, há o condensamento dos resultados encontrados em

cada Categoria e, caso sejam identificadas lacunas ou demandas específicas, há a proposição de estudos emergentes à cerca da temática que foi objeto desse estado do conhecimento.

Vencidas todas as etapas descritas acima, a Análise de dados estará concluída. E é dela que se trata o próximo capítulo. Nele, será esmiuçada e detalhada cada uma dessas etapas, a partir da Leitura Flutuante. E, como parte da última etapa a ser cumprida, a Bibliografia Propositiva, é nele que se descortinarão as inferências e os achados por meio do levantamento desse Estado do Conhecimento.

## CAPÍTULO IV

### PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS E RESULTADOS

O caminho metodológico a que se propõe realizar um trabalho de pesquisa define, em grande parte, como serão buscados, identificados, sistematizados, categorizados e analisados os dados encontrados. Avançando por meio do caminho proposto e explicitado nas laudas anteriores, a análise de dados a ser aplicada nesse capítulo será a proposta por Morosini e Fernandes (2014) que define e dá orientações sobre como aplicar uma sistematização frente aos dados encontrados no levantamento do estado do conhecimento.

A pesquisa bibliográfica que, nesse trabalho, se institui por meio do estado do conhecimento foi conceituada no capítulo anterior utilizando-se como autoras de referência Anne Patrícia Silva e Roberta Souza (2020). Porém, como estudiosas desse tipo de pesquisa, também Morosini e Fernandes falam sobre ele, trazendo para a reflexão que, para além de toda a leitura restrita e crítica que se há de realizar, o estado do conhecimento se relaciona intimamente com quem o está desenvolvendo, pois as influências, vivências e trajetórias construídas pelo pesquisador irão perpassar por esse tipo de análise. Para as autoras:

O estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. Nesta reflexão, faz-se necessário considerar que a construção de uma produção científica está relacionada não só à pessoa/pesquisador que a produz, mas a influências da instituição na qual está inserida, do país em que vive e de suas relações com a perspectiva global. (MOROSINI e FERNANDES, 2014, p. 155/156).

Assim sendo, para alcançar o objetivo de realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021), há que se considerar as definições propostas para os termos a serem investigados nessa análise e retomar os contextos em que os mesmos estão inseridos.

## 4.1 Leitura Flutuante

Seguindo o que foi proposto no capítulo anterior, Metodologia: reflexões sobre o estado do conhecimento, a análise dos dados encontrados nesse Estado do Conhecimento começa com uma busca simples no Portal BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) com os descritores escolhidos, seja de forma individual, seja de forma agrupada, com ou sem o recurso do uso das aspas para delimitar expressões ou sentenças.

Esse primeiro momento é definido por Morosini e Fernandes (2014) como “Leitura Flutuante”. É nele que se levanta o estado da arte das publicações já realizadas e começam a se definir questões como descritores para a realização das buscas, hipóteses que nortearão as próximas etapas da análise e uma visão mais generalizada sobre as temáticas que serão abordadas nesse capítulo.

Depois de uma primeira busca mais abrangente, deliberou-se como descritores: : “Identidade”, “Gênero feminino” e “Cursos técnicos integrados ao ensino médio”, com ou sem aspas. Em relação à hipótese de pesquisa determinou-se a seguinte pergunta: “O que seria levantado sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil, no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021), dentre as teses e dissertações publicadas e disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)?”

De acordo com os resultados advindos dessa Leitura Flutuante, pode-se identificar que, apesar de haver inúmeros trabalhos de pesquisa que tratam das temáticas a serem analisadas, quais sejam, identidade, gênero feminino e cursos técnicos integrados ao ensino médio, quanto mais específica se tornava a busca, conjugando dois a dois, com ou sem aspas, os descritores acima definidos, menor era o número de resultados encontrados.

Para uma melhor visualização e compreensão dos resultados quantitativos que surgiram desse primeiro momento de busca, foram reunidos todos os dados encontrados de acordo com as diferentes combinações possíveis dos descritores elencados anteriormente na tabela a seguir:

Tabela 01 – Levantamento inicial

<b>Portal de busca BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)</b>	
<b>DESCRITOR/ES</b>	<b>NÚMERO DE PESQUISAS ENCONTRADAS</b>
Identidade	11.090
Gênero Feminino	6.420
Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio	714
"Gênero Feminino"	555
"Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio"	39
Identidade e Gênero Feminino	454
Identidade e "Gênero Feminino"	45
Identidade e Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio	26
Identidade e "Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio"	1
"Gênero Feminino" e Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio	4
Gênero Feminino e "Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio"	ZERO
"Gênero Feminino" e "Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio"	ZERO
Gênero Feminino e Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio	8
Identidade, Gênero Feminino e Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio	1
Identidade, "Gênero Feminino" e "Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio"	ZERO

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com os dados impressos na tabela 01, mais de 11.000 teses e dissertações foram encontradas quando o descritor *Identidade* foi utilizado sozinho na busca simples. Porém, esse resultado é bem inferior, quando pouco mais de 6.400 teses e dissertações são encontradas em uma busca simples com o descritor *Gênero Feminino*, sem o uso de aspas, o que faz aparecerem pesquisas que tratam de apenas um desses termos nesse quantitativo.

No entanto, quando as aspas são colocadas transformando a busca para retornar o número de teses e dissertações que nomeiam o termo "*Gênero Feminino*" em suas pesquisas, esse número cai para 555 trabalhos. O que surpreende por serem poucas publicações nos últimos 5 anos que abordam diretamente essa temática.

Porém, as surpresas não param por aí. Apenas 714 teses e dissertações foram encontradas quando foi realizada a busca simples pelo descritor *Cursos*

*técnicos integrados ao ensino médio* sem a utilização das aspas, o que fez aparecer um número considerável de pesquisas que tratavam apenas do Ensino Médio regular. Uma vez que as aspas foram acrescentadas a esse descritor, apenas 39 resultados retornaram da busca.

Tais resultados antecipavam o quanto seria difícil encontrar teses e dissertações que tratassem dos três descritores elencados simultaneamente. Desse modo, não foi surpresa quando o quantitativo da busca por todos os descritores concomitantemente, com a utilização das aspas, retornou ZERO como resultado.

De uma forma geral, pode-se inferir de todos os resultados impressos na tabela 01 que são muito poucas as teses e dissertações que têm os *cursos técnicos integrados ao ensino médio* como objeto de pesquisa\*. Pois, bastava deixar esse descritor entre aspas para que os resultados encontrados caíssem drasticamente, seja em uma busca simples com apenas esse descritor, seja em uma busca conjugada a outro dos descritores elencados nessa pesquisa.

Logo, para que houvesse um número razoável de dados coletados e analisados em todas as quatro etapas analíticas previstas para o levantamento desse estado do conhecimento, o refinamento das pesquisas encontradas irá obedecer ao critério de que os descritores *Cursos técnicos integrados ao ensino médio* e *Gênero Feminino* estejam presentes, porém, sem a obrigatoriedade do uso das aspas. Desse modo, serão as 8 teses e dissertações que retornaram dessa busca as que servirão de escopo para as próximas etapas dessa análise.

## 4.2 Bibliografia Anotada

Segundo Morosini e Fernandes (2014), a próxima etapa que compõe essa análise é a Bibliografia Anotada. Nela, é realizada uma apuração inicial de cada pesquisa selecionada na etapa anterior em relação à sua pertinência quanto à hipótese de busca e ao objetivo a ser alcançado por esse trabalho de pesquisa. Recordando que a hipótese anteriormente definida foi: “O que seria levantado sobre

\* Porém, se se utilizar como descritor apenas *Ensino Médio*, o resultado numérico da busca é consideravelmente superior.



identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil, no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021), dentre as teses e dissertações publicadas e disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)?”. Para alcançar esse fim, foram lidos e catalogados os Títulos, Palavras-chave e Resumos de cada uma das 8 pesquisas. Como o conteúdo dos Resumos é muito extenso, ele foi colocado, na íntegra, nos Anexos, enquanto as informações principais foram transcritas nessa etapa. O resultado encontrado está descrito na tabela a seguir:

Tabela 02 – Bibliografia Anotada

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	RESUMO
1	2017	FIRINO, Daiane Lins da Silva	Gênero e perspectivas de escolha de cursos superiores: análise a partir de uma escola de ensino médio integrado a cursos técnicos na área da computação	Gênero. Escolhas de cursos superiores. Ensino Médio. Computação.	Questões de gênero estão presentes nas relações sociais de forma invisível e naturalizada. Dessa forma, as escolhas e o agir são condicionados pelos ditames de uma sociedade patriarcal, androcêntrica e heteronormativa. A divisão sexual é considerada a maior divisão social do mundo atual, portanto pesquisar sobre condicionamentos de gênero na escola e, principalmente, no Ensino Médio permite visibilizar preconceitos e estereótipos para buscar estratégias de equidade de gênero. Diante disso, esta dissertação teve o objetivo de analisar a relação com a tecnologia e as perspectivas de escolha de cursos superiores de jovens estudantes do Ensino Médio integrado à área da Computação da Escola Estadual Estudante Rebeca Cristina Alves Simões/PB, mais conhecida como Escola da Polícia Militar (CPM), buscando compreender se são influenciadas por naturalizações e/ou estereótipos de gênero, levando as mulheres a escolherem cursos/ocupações/especializações tradicionalmente femininos e os homens a buscarem carreiras de prestígio social em redutos considerados masculinos.

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	RESUMO
2	2018	ADAMS, Aline	Juventude feminina e a divisão sexual do trabalho no curso técnico em informática integrado ao ensino médio do IFFAR – Campus São Borja	Juventude feminina. Ensino médio integrado à educação profissional. Divisão sexual do trabalho.	<p>Esta Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) trata da juventude feminina e da educação profissional integrada ao ensino médio e tem como questão de pesquisa: quais as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFFAR campus São Borja em razão da divisão sexual do trabalho? Com o objetivo geral de analisar as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFFAR campus São Borja em razão da divisão sexual do trabalho.</p>
3	2019	OLIVEIRA, Caíque Diogo de	Jovens estudantes do ensino médio integrado no Instituto Federal de Salto: experiências do presente e projetos de futuro	Juventude. Educação técnica. Trabalho. Gênero. Projetos de futuro	<p>Esta dissertação tem por objetivo compreender os sentidos que as/os jovens estudantes do ensino médio integrado do IFSP campus Salto atribuem à experiência escolar no ensino médio integrado e seus projetos de futuro para depois de concluírem a educação básica, dando visibilidade às assimetrias de gênero, e ainda, quando pertinentes, às desigualdades de cor/raça. Realizamos um estudo que contou com a aplicação de um survey com questões abertas e fechadas junto a 191 estudantes dos cursos de nível médio integrado em automação industrial e informática do 1º, 2º e 3º anos. A análise de resultados foi realizada primariamente de forma quantitativa e secundariamente de forma qualitativa, contando com o apoio da escala likert para a quantificação dos elementos inerentes à experiência escolar.</p>

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	RESUMO
4	2017	ANCINI, Denise Margareth Borges	Implantação de ações de educação em saúde no Instituto Federal Farroupilha Campus Alegrete integradas ao Programa Saúde na Escola	Educação em saúde. Saúde na escola. Saúde escolar. Programa Saúde na Escola	Objetivo: Implantar ações de educação em saúde no Instituto Federal Farroupilha campus Alegrete (IFFAR/CA), integradas ao Programa Saúde na Escola (PSE), padronizando atividades, qualificando a assistência ao estudante e estimulando a prática dos temas transversais em saúde. Metodologia: A pesquisa foi realizada no IFFAR/CA com a participação de 80 estudantes do primeiro ano do curso médio integrado Técnico em Agropecuária e 31 docentes, em duas etapas, com abordagens quantitativa e quanti/qualitativa.
5	2016	SOARES, Maurícia Brochado Oliveira	Impacto de intervenções educativas na adesão à prevenção do câncer cérvico-uterino	Neoplasias do Colo do Útero. Promoção da Saúde. Saúde da Mulher. Teste de Papanicolaou. Educação em Saúde.	Esta pesquisa relata os efeitos das intervenções educativas no conhecimento e adesão das mulheres à Prevenção do Câncer de Colo do Útero baseadas na metodologia freireana. Para tanto, foi realizado um estudo intervencionista com comparação entre dois grupos: intervenção e controle. A pesquisa foi realizada no Serviço Público de Saúde de um município do interior do estado de São Paulo. A população do estudo foi composta pelas mulheres de 25 a 64 anos de idade, perfazendo um total de 90 participantes em cada grupo.
6	2018	MALAQUIAS, Bruna Stephanie Sousa	Atitudes e conhecimento de enfermeiros de diferentes níveis assistenciais em relação à sexualidade do idoso	Idoso. Sexualidade. Conhecimento . Atitude. Níveis de Atenção à Saúde.	A sexualidade deve ser exercida ao longo de toda a vida e deve ser reconhecida como fator primordial à qualidade de vida. Dessa forma, a sexualidade do idoso torna-se parte importante da atuação profissional, como meio para substanciar o cuidado integral e holístico ao paciente. O presente estudo objetivou analisar a associação de variáveis sociodemográficas, ocupacionais e práticas do trabalho de enfermeiros de diferentes níveis assistenciais de um município de médio porte do interior de Minas Gerais sobre o conhecimento e as atitudes em relação à sexualidade do idoso.

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	RESUMO
7	2017	KATAGUIR, Lidieine Gonçalves	Violência sexual e a correlação com iniquidades sociais e sanitárias, 2016	Violência sexual. Determinantes sociais da saúde. Saúde da Mulher.	A violência sexual é considerada um importante problema de saúde pública devido à alta prevalência, caracterizada por qualquer ato sexual ou tentativa de ato sem consentimento explícito, praticados por qualquer pessoa independente da relação com a vítima, em qualquer cenário, incluindo, mas não limitado ao ambiente do lar ou do trabalho, em relação de poder abusiva ao envolver pessoas com poderes desiguais de conhecimento, maturidade, força física, recursos e estratégias. Este estudo teve como objetivos descrever o perfil epidemiológico dos casos de violência sexual notificados no estado de Minas Gerais no ano de 2016, segundo sexo e faixa etária; calcular a incidência de violência sexual, razão de sexo por faixa etária e completude das variáveis; identificar indicadores de contexto sociodemográfico, econômico e de cobertura/estratégia dos serviços de saúde em municípios do estado Minas Gerais e verificar a correlação entre a incidência de violência sexual.
8	2017	SILVA, Sheron Hellen	Qualidade de vida, depressão e capacidade laboral dos idosos trabalhadores de um hospital de clínicas	Capacidade de trabalho. Depressão. Idosos trabalhadores. Qualidade de vida.	O crescimento da população idosa, não acompanhado pela melhoria das condições de vida, tem levado os idosos a se manterem ou retornarem ao mercado de trabalho. Este estudo teve como objetivos caracterizar os trabalhadores idosos, identificar indicativos de depressão, classificar a capacidade para o trabalho, mensurar a qualidade de vida, analisar a influência de variáveis demográficas, indicativo de depressão e do índice de capacidade para o trabalho sobre a qualidade de vida.

Fonte: dados de pesquisa

A partir desse primeiro contato mais aprofundado com os textos selecionados na leitura flutuante, pode-se observar que todas as pesquisas encontradas estavam, de alguma forma, vinculadas aos descritores definidos. Porém, poucas mostraram-

se relevantes para o público adolescente e jovem que é objeto dessa pesquisa. E, de acordo com esse critério, as pesquisas descritas na tabela 02 e relacionadas pelos números 5, 6 e 8 estão descartadas. Na pesquisa de número 5, a única tese encontrada nessa busca, o público-alvo são mulheres de 25 a 64 anos de idade. Enquanto, nas de número 6 e 8, as populações estudadas foram as dos idosos.

As pesquisas acadêmicas identificadas pelos números 4 e 7 também demonstram não serem relevantes para a continuação da análise de dados nas próximas etapas. A primeira, apesar de estar dentro da faixa-etária dos adolescentes e jovens e de ser realizada em um curso técnico integrado ao ensino médio, destoa por ter em seu centro de pesquisa o Programa Saúde na Escola e realizar poucas inferências em relação à identidade e ao gênero feminino.

Já a pesquisa identificada pelo número 7, apesar de tratar especificamente da mulher e de contemplar diversas faixas etárias em seu estudo, tem como objeto principal de análise a violência sexual no estado de Minas Gerais e como os indicadores demográficos e econômicos podem contribuir para um possível mapeamento desse tipo de violência e, assim, inferir sobre sua posterior incidência. Tal temática também destoa do que se está buscando nas análises desse levantamento do estado do conhecimento.

Assim, para a próxima etapa, Bibliografia Sistemizada, apenas as três primeiras pesquisas foram selecionadas e serão submetidas à ela.

### **4.3 Bibliografia Sistemizada**

Nessa etapa, conforme explicitado na Bibliografia Anotada, apenas as três primeiras pesquisas elencadas serão analisadas. Nessa fase, os objetivos, metodologias aplicadas e resultados alcançados em cada dissertação e tese selecionada serão importantes elementos e passarão a nortear o aprofundamento das análises a serem realizadas.

Todos esses elementos foram coletados de cada pesquisa e, para uma melhor visualização, estão descritos na tabela a seguir:

Tabela 03 – Bibliografia Sistematizada

Indexadores: Identidade; Gênero Feminino; Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio			
Nº	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
1	<p>Esta dissertação teve o objetivo de analisar a relação com a tecnologia e as perspectivas de escolha de cursos superiores de jovens estudantes do Ensino Médio integrado à área da Computação da Escola Estadual Estudante Rebeca Cristina Alves Simões/PB, mais conhecida como Escola da Polícia Militar (CPM), buscando compreender se são influenciadas por naturalizações e/ou estereótipos de gênero, levando as mulheres a escolherem cursos/ocupações/especializações tradicionalmente femininos e os homens a buscarem carreiras de prestígio social em redutos considerados masculinos.</p>	<p>Foram aplicados questionários com 185 estudantes (do 1º ao 3º ano), sendo 101 mulheres e 84 homens. A pesquisa assume uma abordagem quanti/qualitativa e um caráter exploratório e descritivo. Sistematizados em tabelas e gráficos, destacando sexo e série/ano, os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin e nas teorizações sobre gênero.</p>	<p>A análise evidenciou que os/as estudantes possuem uma forte ligação com a tecnologia e que há diferenças de gênero na forma como estes/estas se relacionam com a mesma, sendo uma delas a propensão das meninas a buscarem informações e dos meninos a buscarem o entretenimento quando navegam na internet. Além disso, verificou-se que a naturalização dos estereótipos de gênero nas relações sociais parece influenciar as identificações dos/as jovens com as áreas do conhecimento e se refletir nas escolhas de cursos superiores. Tais escolhas estavam associadas a atributos de gênero, levando as meninas a escolherem carreiras da área de Ciências Humanas, Sociais e Biológicas, ligadas ao cuidado, e direcionando os meninos para as carreiras de Ciências Exatas e Tecnologia. Dessa forma, percebeu-se que as meninas, mesmo estando inseridas em cursos técnicos da área da Computação, integrados ao Ensino Médio, não pretendem seguir carreira na referida área, mas também o percentual de meninos que pretendem prosseguir nessa área foi baixo, suscitando questionamentos para novas investigações.</p>

**Indexadores: Identidade; Gênero Feminino; Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio**

Nº	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
2	<p>Tem como objetivo geral analisar as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFFAR campus São Borja em razão da divisão sexual do trabalho.</p> <p>Os objetivos específicos são:</p> <p>a) buscar como a legislação brasileira e as políticas públicas para a educação estruturaram ao longo do tempo o ensino médio integrado à educação profissional;</p> <p>b) verificar como ocorre a construção histórica das profissões tradicionalmente ocupadas pelos homens no mundo do trabalho e a sua relação com as jovens estudantes;</p> <p>c) levantar dados sobre o local da pesquisa, a sua criação, concepção e objetivos da instituição e dos cursos de ensino médio integrados à educação profissional;</p> <p>d) traçar o perfil das jovens estudantes do ensino médio integrado da escola de educação profissional de São Borja em que ocorrerá a pesquisa;</p> <p>e) identificar as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes da escola, os colegas do sexo masculino, os/as docentes e a equipe diretiva a partir do seu local de fala, dando ênfase ao protagonismo juvenil.</p>	<p>A metodologia adotada tem como base epistemológica o feminismo e se desenvolve por meio de pesquisa empírica. O método de pesquisa é qualitativo e a abordagem é feita pelo estudo de caso. A técnica de coleta de dados consistiu em pesquisa de opinião realizada com 38 jovens estudantes do curso técnico em informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha no mês de julho de 2017. O tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo.</p>	<p>Nos resultados verificou-se que as estudantes não percebem a divisão sexual do trabalho em seu curso, apesar de manterem discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social por gêneros.</p>

**Indexadores: Identidade; Gênero Feminino; Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio**

Nº	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
3	<p>Esta dissertação tem por objetivo compreender os sentidos que as/os jovens estudantes do ensino médio integrado do IFSP campus Salto atribuem a experiência escolar no ensino médio integrado e seus projetos de futuro para depois de concluírem a educação básica, dando visibilidade às assimetrias de gênero, e ainda, quando pertinentes, às desigualdades de cor/raça.</p>	<p>Realizamos um estudo que contou com a aplicação de um survey com questões abertas e fechadas junto a 191 estudantes dos cursos de nível médio integrado em automação industrial e informática do 1º, 2º e 3º anos. A análise de resultados foi realizada primariamente de forma quantitativa e secundariamente de forma qualitativa, contando com o apoio da escala likert para a quantificação dos elementos inerentes à experiência escolar.</p>	<p>Verificamos que há uma predominância de estudantes do sexo masculino em relação ao feminino nos cursos de nível médio integrado. Embora os cursos de ensino médio integrado sejam, em nível documental, justificados pela demanda regional de formação de trabalhadores, identificamos que os significados que esses/essas jovens atribuem ao ensino profissionalizante nos indica que o ensino médio integrado do IFSP campus Salto vai além da profissionalização e atendimento de demandas econômicas locais, se constituindo como um espaço de formação com professores qualificados e de integração entre os alunos e alunas. Em relação à educação profissional, as/os participantes afirmaram que tanto as disciplinas da base comum como as disciplinas profissionalizantes tendem, em geral, a aumentar o interesse dos estudantes em continuar os estudos e auxiliar na elaboração dos projetos de futuro dos alunos. Mais especificamente nos projetos de futuro, percebemos que, em geral, a expectativa dessas/desses jovens é de cursar o ensino superior após o fim do ensino médio, contudo uma análise generificada aponta que a divisão sexual do trabalho presente na sociedade moderna se manifesta no campo de possibilidades desses/dessas jovens investigadas, pois, enquanto os alunos estão em busca de carreiras correlatas aos cursos técnicos, as alunas possuem maior variedade de profissões em suas respostas.</p>

Fonte: dados da pesquisa



A dissertação defendida por Daiane Lins da Silva Firino (2017) e identificada pelo número 1 expressa, em seu objetivo, compreender se os estudantes do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico da área de Computação são influenciados por naturalizações e/ou estereótipos de gênero. O que poderia levar as mulheres a escolherem cursos, ocupações ou especializações tradicionalmente femininos e os homens a buscarem carreiras de prestígio social em redutos considerados masculinos.

A análise de conteúdo realizada na metodologia proposta pela autora teve como referência Laurence Bardin e as teorizações sobre gênero. Ao final, essa análise evidenciou que há diferenças de gênero na forma como os estudantes se relacionam com a tecnologia. Uma delas é a propensão das meninas a utilizarem para buscar informações, enquanto os meninos buscam nela o entretenimento via Internet.

Além disso, verificou-se que a naturalização dos estereótipos de gênero nas relações sociais parecia influenciar as meninas a escolherem carreiras que são ligadas ao cuidado. Enquanto os meninos buscavam carreiras nas áreas de Ciências Exatas e de Tecnologia que são, predominantemente, áreas dominadas pela presença masculina.

Dessa forma, percebeu-se que as meninas, mesmo estando inseridas em cursos técnicos da área da Computação integrados ao Ensino Médio, não pretendem seguir carreira na referida área. Porém, também foi verificado que o percentual de meninos que pretendem prosseguir nessa área foi baixo, o que levou Firino (2017) a suscitar questionamentos para novas investigações.

A segunda dissertação selecionada é de Aline Adams (2018) e tem como “objetivo geral analisar as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFFAR campus São Borja em razão da divisão sexual do trabalho”.

Para alcançar esse fim, a autora definiu cinco (5) objetivos específicos que vão desde conhecer a legislação brasileira e as políticas públicas para o ensino médio integrado à educação profissional, perpassando pela construção histórica das profissões ocupadas, prioritariamente, por homens até traçar o perfil das jovens estudantes que faziam parte do público-alvo dessa pesquisa e como eram as relações que elas vivenciavam frente ao protagonismo juvenil.

A metodologia adotada por Adams (2018) teve como base epistemológica o feminismo e se desenvolveu por meio de pesquisa empírica com um método qualitativo realizado por meio do estudo de caso. O tratamento dos dados coletados foi feito por meio de análise de conteúdo. Em seus resultados, “verificou-se que as estudantes não percebem a divisão sexual do trabalho em seu curso, apesar de manterem discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social por gêneros”.

A terceira e última dissertação selecionada foi a de Caíque Diogo de Oliveira (2019). Ela tem como objetivo “compreender os sentidos que as/os jovens estudantes do ensino médio integrado do IFSP campus Salto atribuem à experiência escolar no ensino médio integrado e seus projetos de futuro para depois de concluírem a educação básica, dando visibilidade às assimetrias de gênero, e ainda, quando pertinentes, às desigualdades de cor/raça”.

Como metodologia, Oliveira (2019) realizou um estudo com cento e noventa e um (191) estudantes dos cursos de nível médio integrado em automação industrial e informática do 1º, 2º e 3º anos. Enquanto a análise de resultados foi realizada de forma quanti-qualitativa. Como primeiro resultado, verificou-se que há uma predominância de estudantes do sexo masculino em relação ao feminino nos cursos de nível médio integrado.

Em relação à educação profissional, os participantes ouvidos “afirmaram que tanto as disciplinas da base comum como as disciplinas profissionalizantes tendem, em geral, aumentar o interesse dos estudantes em continuar os estudos e auxiliar na elaboração dos projetos de futuro”.

Todavia, Oliveira (2019) percebeu que apesar de a expectativa desses jovens ser a de cursar o ensino superior após a conclusão do ensino médio, em uma análise generificada foi apontado que “a divisão sexual do trabalho presente na sociedade moderna se manifesta no campo de possibilidades desses/dessas jovens investigadas, pois, enquanto os alunos estão em busca de carreiras correlatas aos cursos técnicos, as alunas possuem maior variedade de profissões em suas respostas”.

Frente a esse condensado em relação aos dados impressos na tabela 03, pode-se inferir que há, entre essas dissertações, um viés temático que as aproxima enquanto objetivos a serem alcançados e resultados obtidos. E será, a partir deles,

que a próxima etapa irá se fundamentar para realizar a categorização dos dados encontrados.

#### 4.4 Bibliografia Categorizada

Dando continuidade a essa análise e de posse dos dados mais específicos de cada pesquisa, fez-se a Categorização dos dados compilados até aqui. Para esse fim, foram utilizadas as leituras realizadas, a pertinência de cada temática e as palavras-chave elencadas em cada uma dessas dissertações. Ao final, foram criadas duas categorias, as categorias A e B, “Estereótipos de gênero” e “Divisão sexual do trabalho”, respectivamente, que agruparam em dois subtemas as três pesquisas que se mostraram mais pertinentes aos objetivos dessa dissertação que estão descritas e associadas na tabela a seguir:

Tabela 04 – Bibliografia Categorizada

<b>2 Categorias Criadas (A e B)</b>			
<b>Nº</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>CATEGORIA</b>
1	Gênero e perspectivas de escolha de cursos superiores: análise a partir de uma escola de ensino médio integrado a cursos técnicos na área da computação	Gênero. Escolhas de cursos superiores. Ensino Médio. Computação.	<b>CATEGORIA A - Estereótipos de gênero</b> (Gênero. Ensino Médio.)
2	Juventude feminina e a divisão sexual do trabalho no curso técnico em informática integrado ao ensino médio do IFFAR – Campus São Borja	Juventude feminina. Ensino médio integrado à educação profissional. Divisão sexual do trabalho.	<b>CATEGORIA B - Divisão sexual do trabalho</b> (Juventude. Educação Técnica. Trabalho.)
3	Jovens estudantes do ensino médio integrado no Instituto Federal de Salto: experiências do presente e projetos de futuro	Juventude. Educação técnica. Trabalho. Gênero. Projetos de futuro.	<b>CATEGORIA B - Divisão sexual do trabalho</b> (Juventude. Educação Técnica. Trabalho.)

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com a tabela anterior, pode-se compreender que ambas categorias se assemelham no que tange a sua principal temática, qual seja o “gênero”, e suas implicações em uma posterior vida profissional. Porém, na Categoria A, *Estereótipos de gênero*, a dissertação identificada pelo número 1 o relaciona às vivências do Ensino Médio e às influências possivelmente causadas pelas naturalizações e/ou estereótipos de gênero nas relações sociais estabelecidas pelo público-alvo. O que suscita que jovens que se identificam com o sexo feminino, conforme publicado em suas conclusões, a realizarem uma escolha de cursos e/ou ocupações tradicionalmente femininos.

Enquanto na Categoria B, *Divisão sexual do trabalho*, as dissertações identificadas pelos números 2 e 3 trazem para discussão como o gênero pode evidenciar uma divisão sexual tanto na escolha como na atuação profissional de seu público-alvo, quando esse se vê frente a essa decisão. Em ambos casos, os autores evidenciam que há uma divisão sexual do trabalho e que ela, mesmo não identificada de forma clara pelos adolescentes ouvidos em cada pesquisa, influencia os discursos e práticas de cada gênero e, em consequência, suas pretensões de atuação diante as possíveis profissões.

Dessa forma, tendo as três pesquisas que se mostraram mais pertinentes aos objetivos dessa dissertação agrupadas em dois subtemas: *Estereótipos de gênero* e *Divisão sexual do trabalho*, a próxima etapa dessa análise, a Bibliografia Propositiva, irá detalhar o que esses estudos encontraram e o que ainda poderia ser realizado dentro dessas temáticas na próxima seção.

#### **4.5 Bibliografia Propositiva**

Essa é a última etapa proposta para a análise de dados e é nela que serão explicitados os *Achados*, que são os resultados de cada pesquisa, assim como as *Proposições* que irão indicar o que cada autor propõe e sistematiza como conclusão em seus estudos, *Proposições do estudo*. Além das *Proposições Emergentes*, em que a autora dessa dissertação irá explicitar, fundamentada na pesquisa realizada

até aqui, inferências e analisar mais profundamente os trabalhos selecionados nas duas Categorias definidas na etapa anterior.

Há que se recordar que objetivo da presente pesquisa é o de realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um (2021).

Para alcançá-lo, foram propostas as seguintes perguntas de pesquisa: Há teses e dissertações que tratam a temática de identidade e gênero feminino pensando na integração do ensino? Quais são os estudos encontrados (teses e dissertações) e seus principais resultados que tratam sobre a temática abordada no período citado (de 2016 a 2021)? Existem lacunas para estudos posteriores na área, isto é, que articulem a proposta de formação integrada (Ensino Médio Integrado), identidade e gênero feminino?

Com o propósito de respondê-las, foram identificadas teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tratam sobre a temática abordada no período determinado acima. E, frente a todos os resultados obtidos, para compor essa última etapa de análise, serão aprofundados os estudos em relação às três pesquisas que compõem as Categorias A e B a saber: *Estereótipos de gênero e Divisão sexual do trabalho*.

A Categoria A, *Estereótipos de gênero*, abriga o entendimento comum de que homens são racionais e práticos enquanto mulheres são sensíveis e frágeis. Divisões que, conforme explicitado no Capítulo 2, foram construídas culturalmente e que, apesar dos avanços tecnológicos, mudanças comportamentais dos seres humanos e reflexões realizadas ao longo dos últimos séculos, mantêm-se como verdade de forma atávica em pleno século XXI.

Nesse sentido, há provocações, como a realizada pela autora e pesquisadora Judith Butler (2003) na segunda seção do segundo capítulo, que questiona o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória como narrativas para a constituição de gênero binária e construção de uma sociedade ocidental que abriga dicotomias cristãs, tais como: corpo/alma, profano/sagrado e material/imaterial que contribuem para que binarismos como macho/fêmea e masculino/feminino sejam

naturalizados como as únicas formas de ser e de se expressar no mundo contemporâneo.

Porém, conforme descreve Stuart Hall (2006) no início do segundo capítulo desse trabalho de pesquisa, as identidades culturais são representações temporais e espaciais construídas dentro de uma estrutura de poder. Logo, há uma parcela desse povo que, por vezes, é silenciada, discriminada e não reconhecida. Em uma sociedade dominada pelo patriarcado, as mulheres, assim como aquelas e aqueles que se identificam com o gênero feminino, formam um grupo identitário que é subjugado, controlado e inferior em relação ao grupo dominante.

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, muitas lutas foram travadas para que esse e outros grupos não-dominantes fossem respeitados e valorizados em suas diferenças. Em resposta a elas, Zigmunt Bauman (2005) identifica que houve conquistas de maiores espaços e que os desejos dessa parcela da população são mais legitimados. Porém, ainda há muito o que se fazer para quebrar a dominação e opressão que exerce o grupo masculino fundamentado nos ditames que conceitos culturais naturalizam e normalizam como corretos.

De acordo com Mary Del Priore (2004), uma revolução feminista que poderia mudar os rumos em relação à diferenciação dos sexos e à expressão dos gêneros até então definida, não é uma luta que se faz rapidamente. O racismo e o patriarcalismo, segundo a autora, estão presentes desde o Brasil colonial que se caracterizou como escravocrata e muito desigual econômica e socialmente. Sendo a maior parte das conquistas femininas, como o direito ao voto, à educação e ao trabalho, adquiridas em pleno século XX.

A partir dessas discussões, pode-se inferir que são muitas as resistências enfrentadas frente às mudanças nas formas de pensar e agir de uma sociedade e de uma cultura. Essas resistências imprimem um ritmo lento às mudanças e podem ser parte das razões para que os resultados encontrados por Daiane Firino (2017) evidenciem que esses estereótipos relacionados ao gênero sejam naturalizados e que, quando os adolescentes pensam em prosseguir com os estudos ingressando na educação superior, as meninas, mesmo inseridas em cursos técnicos da área da Computação, não pretendam seguir carreira nessa área.

Resultados esses que servem como possíveis fundamentos para a Categoria B, *Divisão sexual do trabalho*, que englobou as duas outras pesquisas que indicaram

resultados similares. Na primeira, Aline Adams (2018) verificou que, apesar das estudantes não perceberem a divisão sexual do trabalho em seu curso, elas mantêm discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social pelos gêneros.

Da mesma forma, em seus resultados, Caíque Oliveira (2019) identificou que a divisão sexual do trabalho presente na sociedade e cultura no século XXI também se manifesta nas possibilidades dessas jovens investigadas, pois, enquanto os estudantes do sexo masculino estão em busca de carreiras correlatas aos cursos técnicos, as do sexo feminino se identificam com as disciplinas do curso acadêmico e, por isso, apresentam uma maior variedade de profissões em suas respostas conforme se pode inferir na tabela que segue:

Tabela 05 – Bibliografia Propositiva

Nº	CATEGORIA	ACHADOS	PROPOSIÇÕES	
			DO ESTUDO	EMERGENTES
1	<b>CATEGORIA A - Estereótipos de gênero</b> (Gênero. Ensino Médio.)	Verificou-se que a naturalização dos estereótipos de gênero nas relações sociais parece influenciar as identificações dos/as jovens com as áreas do conhecimento e se refletir nas escolhas de cursos superiores. Tais escolhas estavam levando as meninas a escolherem carreiras da área de Ciências Humanas, Sociais e Biológicas, ligadas ao cuidado, e direcionando os meninos para as carreiras de Ciências Exatas e Tecnologia.	A escola reproduz e reforça o que, culturalmente, é considerado feminino e masculino. Tais condicionamentos de gênero agem bloqueando nas mentes juvenis as possibilidades de transgredir. Enquanto identidades juvenis estereotipadas são construídas pela repetição de comportamentos padronizados e socialmente desejáveis.	Que a escola busque não reproduzir estereótipos e desigualdades de gênero e incentive seus/suas estudantes a modificar essa visão binária de sexo e a se perceber livre e pertencente a uma nova forma de ser e viver. O que poderá alterar as escolhas profissionais no futuro.

Nº	CATEGORIA	ACHADOS	PROPOSIÇÕES	
			DO ESTUDO	EMERGENTES
2	<b>CATEGORIA B - Divisão sexual do trabalho</b> (Juventude. Educação Técnica. Trabalho.)	Nos resultados verificou-se que as estudantes não percebem a divisão sexual do trabalho em seu curso, apesar de manterem discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social por gêneros.	Representando menos que 25% do total de estudantes, as meninas não reconhecem os mecanismos estruturais do machismo e da misoginia, nem percebem o discurso heteronormativo e sexista que vivenciam em seu curso.	O Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) atua no discurso do “politicamente correto”, mas não identifica o ambiente e as relações que essas estudantes vivenciam. É desejável que se crie uma cultura interna de combate ao sexismo e à divisão sexual do trabalho para que haja mudanças nas perspectivas profissionais.
3	<b>CATEGORIA B - Divisão sexual do trabalho</b> (Juventude. Educação Técnica. Trabalho.)	O estudo aponta que nos projetos de futuro, em geral, há a expectativa dessas/desses jovens de cursar o ensino superior após o fim do ensino médio, contudo uma análise generificada aponta que a divisão sexual do trabalho presente na sociedade moderna se manifesta no campo de possibilidades desses/dessas jovens investigadas, pois, enquanto os alunos estão em busca de carreiras correlatas aos cursos técnicos, as alunas possuem maior variedade de profissões em suas respostas.	As meninas tendem a preferir as disciplinas da base comum do curso e pensar em seus projetos de futuro sob a influência dessas disciplinas. Enquanto os meninos preferem as disciplinas técnicas e direcionam seus projetos a carreiras como engenharia e ciência da computação. E são as experiências na escola que contribuem para que esses jovens sigam pelos modelos generalizantes e homogeneizantes que os cercam.	Marcadores sociais como gênero influenciam sobremaneira no modo como as experiências são significadas e os projetos de futuro são construídos. Seria muito bom que o cotidiano escolar fosse problematizado e compreendido entre si e para fora do próprio grupo para evitar que a escola se limite a uma estrutura burocratizada.

Fonte: dados da pesquisa



Pelas tabelas apresentadas e análises que se seguiram até aqui, é forçoso identificar que as escolas, que deveriam ser um espaço de troca de saber em uma construção e desconstrução subseqüentes e/ou concomitantes de conhecimento, ainda estão presas em um modelo tradicional e engessado de educação. E que, por esse motivo, reproduzem e disseminam estereótipos de gênero que, sem maiores questionamentos, reforçam as divisões sexuais do trabalho.

Na terceira seção do primeiro capítulo, Maria Ciavatta (2005) descreve sobre a formação integral dos adolescentes que estudam em um ensino médio que integra o curso acadêmico ao técnico e que, para alcançar uma educação que visa a leitura de mundo e a atuação cidadã, haveria de ir além de um conteúdo puramente científico e tecnológico para se apropriar de uma leitura da realidade histórico-social em que a política, a dignidade e as relações sociais estejam subjacentes a todos os fenômenos estudados.

Para a autora, essa mudança de foco na educação a tornaria mais humana e poderia frear, de certa forma, a violência com que a aceleração do tempo e da comunicação expõe os adolescentes a um mundo mais complexo e, por vezes, superficial em que os valores, muitas vezes, estão invertidos ao que se vivenciava em meados do século XX. Essa é uma fala que vai ao encontro do que Zigmunt Bauman (2001, 2004) apresenta em seu conceito de modernidade líquida na seção que abre as discussões do primeiro capítulo dessa pesquisa. Para o autor, tempo e espaço não estão demarcados como antigamente e as relações, atravessadas por incertezas e inseguranças, tendem a mudar seu formato.

Sem a segurança e familiaridade que tempos passados ofereciam, as novas identidades são forjadas, muitas vezes, sem que suas vontades, desejos e necessidades sejam atendidas ou respeitadas. Para aquelas e aqueles que se identificam com o gênero feminino, a luta é ainda maior, pois imersas em uma sociedade que prioriza o consumo à produção, essas jovens tendem a se voltar para o que é superficial e dar ênfase à quantidade e não à qualidade. O que as inseri perfeitamente em um mundo capitalista e mercadológico, mas que, muitas vezes, não lhes dá as ferramentas necessárias para que se compreendam e se respeitem em suas singularidades.

Nesse sentido, torna-se papel fundamental das instituições educacionais a oferta de uma formação integral que auxilie essas adolescentes em seu

autoconhecimento e em sua inserção de forma crítica no mundo que se apresenta nas primeiras décadas do século XXI. Corroborando essa necessidade, Demerval Saviani (2007), na segunda seção desse primeiro capítulo, critica a sociedade patriarcal e homogeneizante que oferece poucas chances para que a mulher ocupe um espaço produtivo em sua carreira profissional.

Segundo ele, aquelas que se identificam com o gênero feminino são incentivadas a não ingressarem em espaços ocupados quase exclusivamente por homens e, se o fazem, não vivem as mesmas chances de progressão e não recebem a mesma remuneração por cargos similares. Fatos que, por si só, evidenciam a divisão sexual do trabalho que nomeia essa segunda categoria de análise.

Em consonância com essas discussões, em seus estudos, Firino (2017) problematiza a naturalização dos estereótipos de gênero nas relações sociais e como esse movimento acaba por refletir nas escolhas dos cursos superiores que as adolescentes do gênero feminino pretendem realizar. Em seus resultados, o autor aponta que as meninas escolhem carreiras da área de Ciências Humanas, Sociais e Biológicas em razão de estarem ligadas ao cuidado. Já os meninos, direcionam suas carreiras para as áreas de Ciências Exatas e Tecnologia.

Muito além de uma mera escolha profissional, esses resultados apontam que a escola reproduz e reforça o que, culturalmente, é considerado feminino e masculino. São esses condicionamentos de gênero que agem não dando opção para que esses jovens transgridam o que é socialmente esperado e estejam abertos a opções que não repitam comportamentos padronizados.

Por esse motivo, uma proposição que emerge dessa pesquisa é a necessidade de que a escola busque não reproduzir estereótipos e desigualdades de gênero e incentive seus estudantes a modificarem a visão binária de sexo instaurada por séculos para, a partir daí, se permitirem experimentar novas formas de ser e de viver. Essas mudanças poderão alterar o que social e culturalmente se define como papéis sociais masculinos e femininos e, em consequência, as futuras escolhas profissionais dos estudantes dessa instituição possivelmente serão diferentes das encontradas em 2017.

Agrupados na mesma categoria, “B - *Divisão Sexual do Trabalho*”, Adams (2018) e Oliveira (2019) relatam, em suas pesquisas, que a divisão sexual do

trabalho não é percebida nos cursos estudados e que, ao contrário, discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social por gêneros são mantidas e reproduzidas nessas instituições de ensino.

Pelos resultados encontrados, as meninas tendem a pensar seus projetos de futuro em outras áreas que não as carreiras técnicas e exatas, como engenharia e ciência da computação. E que as instituições estudadas pouco fazem para que essas jovens não mais sigam pelos modelos generalizantes e homogeneizantes que as cercam.

Muitas vezes, mesmo quando há uma política de inclusão como a criação do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) por uma dessas instituições, esse esforço perde sua força quando é suplantado por um discurso do “politicamente correto” que não consegue identificar o ambiente e as relações que essas estudantes vivenciam.

Logo, para o incentivo e a normalização de uma nova forma de pensar que transcenda os mecanismos estruturais do machismo e da misoginia, é desejável que se crie uma cultura interna de combate ao sexismo e à divisão sexual do trabalho para que haja mudanças efetivas nas perspectivas profissionais das estudantes.

Incluídas em um cotidiano escolar problematizado e compreendido entre si e para fora do próprio grupo, essas estudantes poderão alterar os resultados encontrados por esses pesquisadores ao transformarem a escola para além de uma estrutura burocratizada e engessada no tempo e no espaço quando se trata de estudos de gênero e de críticas às funções sociais estabelecidas social e culturalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo esse processo de pesquisa, como aprendi! Hoje posso afirmar que tenho uma visão mais profunda de como se constroem as identidades individuais e coletivas; de como as questões relacionadas ao gênero são múltiplas e impactam profundamente na cultura e no modo como pensamos e nos comportamos em sociedade, principalmente no que tange ao gênero feminino; e de como o trabalho de uma instituição educacional pode ir além da formação técnica, profissional e propedêutica com o fim de alcançar uma formação integral onde cada estudante conheça a si próprio para, a partir daí, contribuir social e culturalmente para o bem individual e do conjunto.

A partir desses conhecimentos e de uma necessidade íntima individual dessa pesquisadora, surgiu a necessidade de compreender melhor como a identidade e o gênero feminino são abordados e tratados com os adolescentes nesse início de século XXI. Porém, uma pesquisa com tamanha complexidade seria muito extensa e, quiçá intangível, para ser trabalhada em sua integralidade em uma dissertação.

Assim, depois de muitos estudos e imersões no que compõe e define esse tipo de trabalho acadêmico, foi definido como objetivo dessa pesquisa: realizar um levantamento do Estado do Conhecimento sobre identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um e um (2021).

Para esse fim, foi apresentado no primeiro capítulo, *A educação profissional e tecnológica na modernidade*, as temáticas da Modernidade Líquida, da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e da Formação Integral, tendo como seus autores de referência, respectivamente, Zigmunt Bauman (2001; 2004; 2005; 2007); Demerval Saviani (2007) e Moacir Gadotti (2000) e Maria Ciavatta (2005). Nesse capítulo foram discutidas questões que norteiam a construção identitária individual e coletiva, assim como a importância da Formação Integral na EPT para a construção de cidadãos com mais dignidade e criticidade frente a si próprios e ao mundo que os rodeia.

No capítulo II, *A identidade de gênero feminino na adolescência*, foram apresentadas discussões sobre identidade, gênero feminino e adolescência, tendo como seus autores de referência, respectivamente, Joel Candau (2011), Stuart Hall (2006) e Zigmunt Bauman (2005); Judith Butler (2003) e Mary Del Priore (2004); Calligaris (2000), Pierre Bourdieu (1983) e Bauman (2004).

Nesse capítulo foram tratadas as questões identitárias, suas influências sociais e culturais; as questões levantadas pelas expressões de gênero e como o gênero feminino foi construído desde o Brasil colônia até os dias de hoje; além da apresentação e discussão de alguns conceitos sobre a adolescência e suas formas de ver e viver os desafios apresentados pelo século XXI.

No terceiro capítulo, *Metodologia: reflexões sobre o estado do conhecimento*, conceituei e expliquei algumas das diferenças entre os estados da arte e do conhecimento e descrevi como está fundamentada e proposta a metodologia utilizada para responder às perguntas dessa pesquisa, tendo como referência Marília Morosini e Cleoni Fernandes (2014) e Anne Patrícia da Silva e Roberta de Souza (2020).

No quarto e último capítulo, *Procedimentos Analíticos e Resultados*, realizei as análises dos dados encontrados nas teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tratam sobre a temática abordada no período compreendido entre os anos de dois mil e dezesseis (2016) e dois mil e vinte e um e um (2021), respeitando cada etapa discriminada e descrita no capítulo anterior.

Por fim, aqui nas *Considerações Finais*, procuro trazer as inferências realizadas a partir dos dados encontrados nas análises e, quando pertinente, identificar as lacunas e propor estudos para trabalhos de pesquisa futuros.

Com o propósito de melhor apresentar os resultados alcançados com esses estudos, irei responder às perguntas de pesquisa definidas anteriormente. São elas: Qual o estado do conhecimento encontrado e os principais resultados que tratam sobre estudos de identidade e gênero feminino de estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no Brasil, no período de 2016 a 2021? Existem lacunas para estudos posteriores na área, isto é, que articulem a proposta de formação integrada (Ensino Médio Integrado), identidade e gênero feminino?

Para responder a primeira pergunta de pesquisa, conforme descrito no Capítulo III, foi utilizada a metodologia proposta por Morosini e Fernandes (2014) acerca do Estado do Conhecimento. Essa Metodologia prevê cinco diferentes etapas em que as pesquisas encontradas inicialmente são filtradas de acordo com o objetivo e as perguntas de pesquisa definidos. Para respondê-la, trarei os dados encontrados na primeira dessas etapas, a *Leitura Flutuante*. Nesse primeiro contato com o quantitativo de resultados que voltaram das pesquisas realizadas, variados foram os números totalizados.

É importante reescrever os descritores que foram deliberados para essa busca, foram eles: “Identidade”, “Gênero feminino” e “Cursos técnicos integrados ao ensino médio”, com ou sem aspas. Nesse processo, foi identificado que, em separado, o descritor *Identidade* retornou mais de 11.000 resultados, enquanto *Gênero feminino* retornou um pouco mais da metade desse número com quase 6.500 resultados. Porém, *Cursos técnicos integrados ao Ensino Médio* apresentou menos de 800 resultados. Em todas essas buscas as aspas não foram utilizadas.

No momento em que as aspas foram colocadas, as buscas começaram a retornar um número de teses e dissertações muito menor. De forma geral, pode-se inferir que dos 714 textos que retornaram na busca simples pelo descritor *Cursos técnicos integrados ao ensino médio* sem a utilização das aspas, o maior número deles tratava apenas do Ensino Médio regular. Uma vez que, quando as aspas foram acrescentadas a esse descritor, apenas 39 resultados retornaram na busca.

Tais resultados anteciparam o retorno de ZERO resultados na busca em que os três descritores deliberados foram colocados agrupados e com o uso das aspas. Logo, o Estado do Conhecimento sobre esses assuntos conjugados ainda não se caracteriza em grande número e necessita de muito estudo e pesquisa futura.

Nesse sentido, para responder à segunda pergunta de pesquisa que buscava pelos principais resultados encontrados que tratavam as três temáticas abordadas no período definido anteriormente, o descritor *Identidade* teve que ser suprimido da busca para, então, serem estudados e analisados os oito trabalhos (teses e dissertações) que retornaram quando a busca foi realizada com os outros dois descritores (*Gênero feminino* e *Cursos técnicos integrados ao ensino médio*) sem a utilização das aspas.

Tal estratégia evidencia como são necessários estudos que abordem essas especificidades de forma conjugada. Tristemente, pode-se inferir por esses dados que muito poucas pesquisas que abordam os *Cursos técnicos integrados ao ensino médio* estão sendo realizadas no Brasil. Daí a importância dessa dissertação para que essas temáticas sejam apresentadas de forma associada, assim como para deflagrar uma importante lacuna nos estudos realizados, por pesquisas na modalidade *stricto sensu*, até o ano de dois mil e vinte e um (2021).

O que responde, em parte, a última pergunta de pesquisa, em que os resultados encontrados e as lacunas nos estudos posteriores da área são evidenciados. Em relação aos resultados, apesar de nada incentivadores, retratam a realidade sociocultural de um país marcado pela misoginia e patriarcalismo desde o início de sua exploração, quando ainda era o Brasil colônia.

Conforme descrito no capítulo de Metodologia e explicitado nos *Procedimentos Analíticos e Resultados*, os dados encontrados demonstraram que os estereótipos de gêneros e a divisão sexual do trabalho ainda estão presentes nas instituições educacionais que ofertam cursos técnicos integrados ao ensino médio no Brasil. Inferência essa que se pôde fazer devido aos resultados apontados pelas três dissertações que se mostraram mais pertinentes aos objetos de pesquisa dessa dissertação e que, em todos os casos, reforçaram que a escolha profissional, apesar de serem adolescentes advindos do mesmo curso e instituição educacional, apontava para uma divisão sexual do trabalho que não era identificada claramente, mas sentida na opressão cultural que fundamentava tais escolhas.

Além disso, é forçoso identificar que os estereótipos de gênero ainda são uma realidade dentre essas novas gerações. Pois, apesar de ter dividido os três estudos em duas categorias, quais sejam: Categoria A – *Estereótipos de gênero* e Categoria B – *Divisão sexual do trabalho*; ambas estão interligadas pela forma com que o gênero feminino é visto culturalmente no espaço (Instituições educacionais brasileiras) e tempo (de 2016 a 2012) pesquisados por essa dissertação.

Dos resultados encontrados e explicitados nas outras 4 etapas da metodologia utilizada para realizar o levantamento do Estado do Conhecimento que aborda essas temáticas, é flagrante acompanhar como o *Gênero feminino* continua a ocupar posições que o inferiorizam e o subjugam, apesar das lutas que são

motivadas por grupos femininos que chamam a atenção para suas vontades, necessidades e direitos, alguns deles já constituídos por lei.

Uma vez articulando-o à *Identidade*, é emergente a necessidade de que se realize uma formação integral nas instituições de ensino a fim de que sejam estimuladas visões críticas sobre a realidade em que se vive e para que se pense em novas formas de ser e de viver nos dias atuais. Principalmente quando se pensa no ensino que é ofertado nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio brasileiros que trabalham com esses adolescentes, na maioria das vezes, em período integral. Contudo, priorizando conteúdos científicos e técnicos, em detrimento da valorização das experiências vivenciadas nas relações que se mantêm em grupo ou individuais.

Logo, estimular a construção de uma identidade livre e flexível em um ambiente escolar é mais difícil do que se imaginava. Pois, infelizmente, o gênero feminino continua sendo visto com estereótipos e limitações. E, apesar de uma parte dessas instituições educacionais colocar em execução ações específicas que objetivam elevar o lugar social e cultural da mulher e equanimizar oportunidades, pelos resultados encontrados, elas apenas atuam a favor de um discurso utópico, mas pouco interferem na realidade.

Outras lacunas identificadas nesse estudo se concentram na naturalização e repetição de estruturas machistas e misóginas que, por passarem despercebidas, nada contribuem para a criação de uma nova cultura institucional educacional interna que promova o combate ao sexismo e à divisão sexual do trabalho. Para que, a partir desses espaços de saberes, a cultura externa sofra os impactos dessa mudança e se altere enfim.

Como proposta para estudos futuros que poderão ser realizados em nível de doutorado, identifica-se a necessidade de uma pesquisa que ouça esses adolescentes e, a partir dos dados coletados, realize uma análise de discurso que possa, mais uma vez, associar os descritores “Identidade”, “Gênero feminino” e “Cursos técnicos integrados ao Ensino Médio” com ênfase em como as tecnologias de comunicação podem interferir nas relações interpessoais.



## REFERÊNCIAS

A adolescência como ideal cultural. In: CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

A "juventude" é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121

ADAMS, Aline. **Juventude Feminina E a Divisão Sexual Do Trabalho No Curso Técnico Em Informática Integrado Ao Ensino Médio Do IFFAR – Campus São Borja**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

ANCINI, Denise Margareth Borges. **Implantação De Ações De Educação Em Saúde No Instituto Federal Farroupilha Campus Alegrete Integradas Ao Programa Saúde Na Escola**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vacchi/Zigmunt Bauman. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

BAUMAN, Zigmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Edições Chão da Feira, coleção Caderno de Leituras**, Belo Horizonte, Caderno de Leitura n 78, p. 1 – 16, junho de 2018. Disponível em: [Caderno n.78 – Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista – Chão da Feira \(chaodafeira.com\)](http://chaodafeira.com). Acesso em: 04/jan./2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática e, pesquisas sociais aplicadas às organizações. In: **Gerai**s: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul - dez, 2013,179-191. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

ClAVATTA, M. (2005). A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, ano 3 número 3, Rio, dez./2005, p. 6122. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.3i3.p6122>. Acesso em: 02 nov. 2022.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 715 p.

Desigualdade, diferença e promoção da equidade. In: MONTECHIARE, Renata. **Juventude e educação: identidades e diretos** / Renata Montechiare; Gabriel Medina (orgs.) – São Paulo: FLACSO, 2019.

FIRINO, Daiane Lins da Silva. **Gênero E Perspectivas De Escolha De Cursos Superiores: Análise a Partir De Uma Escola De Ensino Médio Integrado à Cursos Técnicos Na área Da Computação**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2017.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. In: **Revista São Paulo em Perspectiva**. 14 (2), p.3-11, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBICT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. BDTD – **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações** – O que é? Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Content/whatIs>. Acesso em: 05 abr. 2022.

KATAGUIRI, Lidieine Gonçalves. **Violência Sexual E a Correlação Com Iniquidades Sociais E Sanitárias, 2016**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017.

MALAQUIAS, Bruna Stephanie Sousa. **Atitudes E Conhecimento De Enfermeiros De Diferentes Níveis Assistenciais Em Relação à Sexualidade Do Idoso**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018.

MENDES, Wallace Góes, SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. In: **Ciência & Saúde Coletiva** 25 (5), Maio, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33672019>. Acesso em: 31 jul. 2021.

MOROSINI, Marília Costa, FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

OLIVEIRA, Caíque Diogo de. **Jovens Estudantes Do Ensino Médio Integrado No Instituto Federal De Salto: Experiências Do Presente E Projetos De Futuro**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, 2019.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação - fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. ANPEd, v. 12, n. 34, p. 152 – 165, jan./abr. 2007.

SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da, SOUZA, Roberta Teixeira de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1-12, set.-dez. 2020. e-ISSN: 1981-2582. ISSN-L: 0101-465X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2020.3.37452>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Sheron Hellen. **Qualidade De Vida, Depressão E Capacidade Laboral Dos Idosos Trabalhadores De Um Hospital De Clínicas**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017.

SOARES, Maurícia Brochado Oliveira. **Impacto De Intervenções Educativas Na Adesão à Prevenção Do Câncer Cérvico-uterino**. 2016. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2016.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

## ANEXOS

### RESUMOS DAS DISSERTAÇÕES ANALISADAS NA ÍNTEGRA

**FIRINO, Daiane Lins da Silva. Gênero E Perspectivas De Escolha De Cursos Superiores: Análise a Partir De Uma Escola De Ensino Médio Integrado à Cursos Técnicos Na área Da Computação. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2017.**

Questões de gênero estão presentes nas relações sociais de forma invisível e naturalizada. Dessa forma, as escolhas e o agir são condicionados pelos ditames de uma sociedade patriarcal, androcêntrica e heteronormativa. A divisão sexual é considerada a maior divisão social do mundo atual, portanto pesquisar sobre condicionamentos de gênero na escola e, principalmente, no Ensino Médio permite visibilizar preconceitos e estereótipos para buscar estratégias de equidade de gênero. Diante disso, esta dissertação teve o objetivo de analisar a relação com a tecnologia e as perspectivas de escolha de cursos superiores de jovens estudantes do Ensino Médio integrado à área da Computação da Escola Estadual Estudante Rebeca Cristina Alves Simões/PB, mais conhecida como Escola da Polícia Militar (CPM), buscando compreender se são influenciadas por naturalizações e/ou estereótipos de gênero, levando as mulheres a escolherem cursos/ocupações/especializações tradicionalmente femininos e os homens a buscarem carreiras de prestígio social em redutos considerados masculinos. Para tanto, foram aplicados questionários com 185 estudantes (do 1º ao 3º ano), sendo 101 mulheres e 84 homens. A pesquisa assume uma abordagem quanti/qualitativa e um caráter exploratório e descritivo. Sistematizados em tabelas e gráficos, destacando sexo e série/ano, os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin e nas teorizações sobre gênero. A análise evidenciou que os/as estudantes possuem uma forte ligação com a tecnologia e que há diferenças de gênero na forma como estes/estas se relacionam com a mesma, sendo uma delas a propensão das meninas a buscarem informações e dos meninos a buscarem o entretenimento quando navegam na internet. Além disso, verificou-se que a naturalização dos estereótipos de gênero nas relações sociais parece influenciar as identificações dos/as jovens com as áreas do conhecimento e se refletir nas escolhas de cursos superiores. Tais escolhas estavam associadas a atributos de gênero, levando as meninas a escolherem carreiras da área de Ciências Humanas, Sociais e Biológicas, ligadas ao cuidado, e direcionando os meninos para as carreiras de Ciências Exatas e Tecnologia. Dessa forma, percebeu-se que as meninas, mesmo estando inseridas em cursos técnicos da área da Computação, integrados ao Ensino Médio, não pretendem seguir carreira na referida área, mas também o percentual de meninos que pretendem prosseguir nessa área foi baixo, suscitando questionamentos para novas investigações. Também se observou a influência da cultura militar, presente na escola investigada, nas pretensões de escolhas profissionais, pois o Curso de Formação de Oficiais (CFO) obteve destaque entre as escolhas declaradas por ambos os sexos. Palavras chave: Gênero. Escolhas de cursos superiores. Ensino Médio. Computação.

**ADAMS, Aline. Juventude Feminina E a Divisão Sexual Do Trabalho No Curso Técnico Em Informática Integrado Ao Ensino Médio Do IFFAR – Campus São Borja. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.**

Esta Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) trata da juventude feminina e da educação profissional integrada ao ensino médio e tem como questão de pesquisa: quais as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFFAR campus São Borja em razão da divisão sexual do trabalho? Com o objetivo geral de analisar as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFFAR campus São Borja em razão da divisão sexual do trabalho, os objetivos específicos são: a) buscar como a legislação brasileira e as políticas públicas para a educação estruturaram ao longo do tempo o ensino médio integrado à educação profissional; b) verificar como ocorre a construção histórica das profissões tradicionalmente ocupadas pelos homens no mundo do trabalho e a sua relação com as jovens estudantes; c) levantar dados sobre o local da pesquisa, a sua criação, concepção e objetivos da instituição e dos cursos de ensino médio integrados à educação profissional; d) traçar o perfil das jovens estudantes do ensino médio integrado da escola de educação profissional de São Borja em que ocorrerá a pesquisa; e) Identificar as relações que se estabelecem entre as jovens estudantes da escola, os colegas do sexo masculino, os/as docentes e a equipe diretiva a partir do seu local de fala, dando ênfase ao protagonismo juvenil. Como principais referências teóricas trabalha-se com Dayrell (2003), Peralva (1997), Gil (2011), Weller (2012 e 2014), Manfredi (2002), Moura (2010), Frigotto et al (2005), Bourdieu (2003), Perrot (2009), Saffioti (2013 e 2015), Louro (2013 e 2014), Butler (2016), entre outros. A metodologia adotada tem como base epistemológica o feminismo e se desenvolve por meio de pesquisa empírica. O método de pesquisa é qualitativo e a abordagem é feita pelo estudo de caso. A técnica de coleta de dados consistiu em pesquisa de opinião realizada com 38 jovens estudantes do curso técnico em informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha no mês de julho de 2017. O tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo. Nos resultados verificou-se que as estudantes não percebem a divisão sexual do trabalho em seu curso, apesar de manterem discursos e práticas que segmentam e dividem a organização social por gêneros.

OLIVEIRA, Caíque Diogo de. **Jovens Estudantes Do Ensino Médio Integrado No Instituto Federal De Salto: Experiências Do Presente E Projetos De Futuro.** 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, 2019.

Esta dissertação tem por objetivo compreender os sentidos que as/os jovens estudantes do ensino médio integrado do IFSP campus Salto atribuem a experiência escolar no ensino médio integrado e seus projetos de futuro para depois de concluírem a educação básica, dando visibilidade às assimetrias de gênero, e ainda, quando pertinentes, às desigualdades de cor/raça. Realizamos um estudo que contou com a aplicação de um survey com questões abertas e fechadas junto à 191 estudantes dos cursos de nível médio integrado em automação industrial e informática do 1º, 2º e 3º anos. A análise de resultados foi realizada primariamente de forma quantitativa e secundariamente de forma qualitativa, contando com o apoio da escala likert para a quantificação dos elementos inerentes a experiência escolar. Verificamos que há uma predominância de estudantes do sexo masculino em relação ao feminino nos cursos de nível médio integrado. A escola possui uma representatividade de “cor/raça”, segundo o método utilizado pelo IBGE, semelhante a localidade onde está inserida. Esses/essas jovens buscam o ensino médio integrado da escola federal por considerar que a escola irá propiciar ensino de qualidade, com melhores professores, ampliando as possibilidades de continuação dos estudos e de inserção qualificada no mercado de trabalho. Embora os cursos de ensino médio integrado sejam, em nível documental, justificados pela demanda regional de formação de trabalhadores, identificamos que os significados que esses/essas jovens atribuem ao ensino profissionalizante nos indica que o ensino médio integrado do IFSP campus Salto vai além da profissionalização e atendimento de demandas econômicas locais, se constituindo como um espaço de formação com professores qualificados e de integração entre os alunos e alunas. Em relação à educação profissional, o estudo aponta que algumas das premissas de profissionalização dos jovens via “flexibilização” dos currículos escolares que embasaram a Reforma do ensino médio proposta pela Lei 13.415/2017, não se aplicam aquilo que foi constatado junto aos adolescentes dessa pesquisa, pois, as/os participantes da pesquisa afirmaram que tanto as disciplinas da base comum como as disciplinas profissionalizantes tendem, em geral, a aumentar o interesse dos estudantes em continuar os estudos e auxiliar na elaboração dos projetos de futuro dos alunos. Mais especificamente nos projetos de futuro, percebemos que, em geral, a expectativa dessas/desses jovens é de cursar o ensino superior após o fim do ensino médio, contudo uma análise generificada aponta que a divisão sexual do trabalho presente na sociedade moderna se manifesta no campo de possibilidades desses/dessas jovens investigadas, pois, enquanto os alunos estão em busca de carreiras correlatas aos cursos técnicos, as alunas possuem maior variedade de profissões em suas respostas.

**ANCINI, Denise Margareth Borges. Implantação De Ações De Educação Em Saúde No Instituto Federal Farroupilha Campus Alegrete Integradas Ao Programa Saúde Na Escola. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.**

Objetivo: Implantar ações de educação em saúde no Instituto Federal Farroupilha campus Alegrete (IFFAR/CA), integradas ao Programa Saúde na Escola (PSE), padronizando atividades, qualificando a assistência ao estudante e estimulando a prática dos temas transversais em saúde. Metodologia: A pesquisa foi realizada no IFFAR/CA com a participação de 80 estudantes do primeiro ano do curso médio integrado Técnico em Agropecuária e 31 docentes, em duas etapas, com abordagens quantitativa e quanti/qualitativa. A coleta de dados na primeira etapa (Componente I) foi através de análise documental do Prontuário Clínico Multiprofissional do seu setor de saúde, num estudo analítico descritivo transversal com abordagem quantitativa, e na segunda etapa (Componente II) a coleta de dados foi por intermédio de questionário on line semiestruturado autoaplicado nos docentes, num estudo exploratório descritivo com enfoque quanti-qualitativo. A interpretação dos dados do componente I foi através do software Excel® do Microsoft Office®, utilizando valores absolutos e relativos e medidas de frequência central, média e desvio padrão, para as variáveis pressão arterial, Índice de Massa Corporal (IMC), avaliação odontológica e avaliação psicológica. No componente II, os dados quantitativos foram processados por escalas de Likert, avaliados pela distribuição de frequências em cada resposta, enquanto os qualitativos foram interpretados pela análise temática de conteúdo de Bardin. Resultados: Os resultados no Componente I mostraram idade média dos estudantes de 15,3 anos, 56,25% (n=45) do gênero masculino, 53,75% (n=43) moradores no alojamento do campus e 36,25% (n= 29) oriundos da cidade de Alegrete/RS. Quanto ao IMC, foi encontrada prevalência de 18,75% de sobrepeso e 6,25% de obesidade, maior no gênero feminino (20% e 11,4%) comparado ao masculino (17,8% e 2,2%). Foi diagnosticada uma estudante hipertensa (1,25%), e teve-se 7,5% de pré-hipertensos (somados os gêneros). Dos 68 estudantes que realizaram avaliação odontológica, 13% não necessitaram intervenção, 50% realizaram limpeza e 36,8%, restauração. 16,2% (n=11) dos estudantes foram encaminhados para avaliação odontológica externa, a maioria do gênero feminino (tratamento ortodôntico). Dos 43,75% (n=35) dos estudantes avaliados pelo setor de psicologia, 20%(n=16) era por queixas de pais ou professores de falta de interesse ou problemas de rendimento em sala de aula e 17,5%(n=14) procuraram espontaneamente. No componente II, 28,2% (n=31) dos docentes respondeu ao questionário; destes, 54,8% (n=17) do gênero feminino e 54,8% (n=17) na faixa etária entre 30 a 39 anos. 54,8% formados há pelo menos 07 anos, 54,9% tem mestrado e 25,8%, doutorado. Os dados qualitativos mostraram que estes têm interesse em trabalhar temas de saúde com auxílio dos profissionais da área na instituição, de forma inovadora e continuada, interdisciplinar e multi/interprofissional, e os temas sugeridos por eles espelham os propostos pelo Programa Saúde na Escola. Considerações Finais: Verificou-se que as ações do PSE poderiam ser padrão institucional de atividades do setor de saúde, configurando-se como oportunidade de atender o princípio da integralidade, articulando o trabalho de profissionais de saúde e educação, desenvolvendo ações mais focadas na promoção da saúde e permitindo ampliar o cuidado ao adolescente, potencializando as singularidades e o desempenho escolar.

SOARES, Maurícia Brochado Oliveira. **Impacto De Intervenções Educativas Na Adesão à Prevenção Do Câncer Cérvico-uterino**. 2016. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2016.

Esta pesquisa relata os efeitos das intervenções educativas no conhecimento e adesão das mulheres à Prevenção do Câncer de Colo do Útero baseadas na metodologia freireana. Para tanto, foi realizado um estudo intervencionista com comparação entre dois grupos: intervenção e controle. A pesquisa foi realizada no Serviço Público de Saúde de um município do interior do estado de São Paulo. A população do estudo foi composta pelas mulheres de 25 a 64 anos de idade, perfazendo um total de 90 participantes em cada grupo. Para coleta dos dados foram utilizados questionários de identificação do perfil sociodemográfico, ginecológico e obstétrico e sobre conhecimento do exame de colpocitologia oncótica. Os dados foram digitados no software Excel® e analisados pelo software Action®, versão 3.1. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Os dados evidenciaram que, em sua maioria, as participantes dos grupos possuíam padrão médio significativamente semelhante em relação ao perfil sociodemográfico, obstétrico e ginecológico. O conhecimento sobre o exame no momento pré-intervenção era semelhante entre os grupos ( $p=0,6712$ ), porém no momento pós-intervenção verificou-se diferença estatística significativamente superior no grupo intervenção ( $p<0,00001$ ). A maioria dos resultados possuía alterações celulares benignas reativas ou reparativas em ambos os grupos intervenção e controle (87,78% e 94,44%) respectivamente, sendo que 100% das mulheres do grupo intervenção retornou para o recebimento do resultado enquanto 83,33% das mulheres do grupo controle retornou, com diferença significativa ( $p<0,00001$ ). As condutas e encaminhamento realizados, em sua maioria, foram coerentes com o preconizado pelo Ministério da Saúde. Em relação a adesão ao exame de colpocitologia oncótica foi estatisticamente superior no grupo intervenção ( $p<0,00001$ ) em relação ao controle. Houve correlação da adesão com o conhecimento em ambos os grupos intervenção e controle ( $p=0,0153$  e  $p<0,00001$ ) respectivamente e, com a idade no grupo intervenção ( $p=0,0090$ ). Os dados revelaram que as intervenções educativas configuram estratégias eficazes para propiciar conhecimento e aumento da adesão ao rastreamento do Câncer de Colo do Útero.



**MALAQUIAS, Bruna Stephanie Sousa. Atitudes E Conhecimento De Enfermeiros De Diferentes Níveis Assistenciais Em Relação à Sexualidade Do Idoso. 2018.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018.

A sexualidade deve ser exercida ao longo de toda a vida e deve ser reconhecida como fator primordial à qualidade de vida. Dessa forma, a sexualidade do idoso torna-se parte importante da atuação profissional, como meio para substanciar o cuidado integral e holístico ao paciente. O presente estudo objetivou analisar a associação de variáveis sociodemográficas, ocupacionais e práticas do trabalho de enfermeiros de diferentes níveis assistenciais de um município de médio porte do interior de Minas Gerais sobre o conhecimento e as atitudes em relação à sexualidade do idoso. Trata-se de um estudo observacional, de corte transversal, de abordagem quantitativa, realizado com 221 enfermeiros de diferentes níveis assistenciais vinculados a instituições que prestam atendimento pelo SUS. Utilizaram-se 2 instrumentos, a escala ASKAS (Aging Sexual Knowledge And Attitudes Scale) e o questionário sociodemográficos, ocupacionais e de práticas do trabalho de enfermeiros em relação à sexualidade de idosos. A análise incluiu medidas descritivas, teste t Student correlação de Pearson e regressão linear múltipla ( $p < 0,01$ ). Houve prevalência do sexo feminino (81,9%); a maioria (74,2%) possuía especialização, atuava na assistência (67,9%), em nível de atenção terciária (57,9%). Do total, 86,0% afirmaram nunca ter participado de capacitações sobre a sexualidade do idoso, enquanto que 75,1% não aborda o tema sexualidade com idosos. A maioria dos enfermeiros, em sua prática de trabalho com idosos, não incentiva a realização de testes rápidos para HIV e Sífilis (65,6%). Observou bom conhecimento (média de 29,11) e atitude permissiva (média 12,00). Enfermeiros da Atenção Primária à Saúde apresentaram atitude, diante da sexualidade do idoso, significativamente mais positiva ( $p = 0,001$ ) e houve relação estatisticamente significativa entre o conhecimento sobre a sexualidade dos idosos e a variável abordar a temática. O estudo revelou que enfermeiros não estão recebendo formação adequada sobre a sexualidade do idoso, não estão realizando orientações e abordagens da temática com idosos. Dessa forma, faz-se necessário o aumento de debates e treinamentos sobre a sexualidade do idoso, atentando-se para que os anseios dos profissionais em diferentes níveis assistenciais sejam atendidos, pois existem peculiaridades pertinentes à cada nível.

KATAGUIRI, Lidieine Gonçalves. **Violência Sexual E a Correlação Com Iniquidades Sociais E Sanitárias, 2016**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017.

A violência sexual é considerada um importante problema de saúde pública devido à alta prevalência, caracterizada por qualquer ato sexual ou tentativa do ato sem consentimento explícito, praticados por qualquer pessoa independente da relação com a vítima, em qualquer cenário, incluindo, mas não limitado ao ambiente do lar ou do trabalho, em relação de poder abusiva ao envolver pessoas com poderes desiguais de conhecimento, maturidade, força física, recursos e estratégias. Este estudo teve como objetivos descrever o perfil epidemiológico dos casos de violência sexual notificados no estado de Minas Gerais no ano de 2016, segundo sexo e faixa etária; calcular a incidência de violência sexual, razão de sexo por faixa etária e completude das variáveis; identificar indicadores de contexto sociodemográfico, econômico e de cobertura/estratégia dos serviços de saúde em municípios do estado Minas Gerais e verificar a correlação entre a incidência de violência sexual. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo e retrospectivo. O estudo foi desenvolvido com a utilização do banco de dados secundários do SINAN, fornecidos pela Secretaria do Estado de Saúde (SES)/MG, referentes às notificações de violência sexual em 2016. Para análise dos dados, utilizou-se estatística descritiva, cálculos das taxas incidência de violência sexual e razão de sexo e coeficiente de correlação de Spearman. Em Minas Gerais em 2016, houve 1996 casos notificados de violência sexual, a média de completude das variáveis analisadas foi de 85,1%, houve predomínio em mulheres (85,4%), faixa etária 10 a 14 anos (21,5 %), raça parda (38,2 %), com escolaridade de 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental (15,1%), e agressores conhecidos das vítimas (58,9%). A taxa de incidência de violência sexual por sexo (feminino/ masculino) segundo faixa etária variou de 3,30 (na faixa etária de 0 a 9 anos) a 22,07 (na faixa etária  $\geq$  60 anos). A profilaxia de doenças sexualmente transmissíveis foi realizada em 30% dos casos, e a contracepção de emergência em 18,6%. Os indicadores sociodemográficos, econômicos e de cobertura dos serviços de saúde identificados foram: cobertura de agente comunitário de saúde, cobertura da estratégia de saúde da família, IDHM (renda, longevidade e educação), índice de Gini e taxa de analfabetismo, sendo que apenas esta última tem correlação positiva com a taxa de incidência de violência sexual. Ao analisar a associação entre o perfil sociodemográfico e de exposição das pessoas que sofreram violência sexual em relação ao agressor verificou se o agressor/padrasto foi associada a escolaridade de 0 a 4 série, raça parda e local de ocorrência a residência; o agressor/pai foi associado ao local de ocorrência ignorado, seguido do local de ocorrência residência, faixa etária de 0 a 9 anos, sexo masculino, que não sofreram violência física ou psicológica, em municípios de 200 a 500 mil habitantes. E o agressor desconhecido foi associada às mulheres brancas com 15 anos ou mais de idade, escolaridade da 5ª série até o ensino superior, a violência sexual não se repete mas foi utilizada violência física e a situação ocorreu em via pública. A violência sexual requer atenção especial dos pesquisadores, governantes e de toda a sociedade, para que haja mudança nesta realidade lamentável. Os serviços de saúde devem otimizar as ações que envolvem o processo de notificação dos casos e a articulação com a rede de assistência e proteção às vítimas. Atenção especial deve ser dada à profilaxia pós exposição nos casos de violência sexual, especialmente os casos primários e agudos.

SILVA, Sheron Hellen. **Qualidade De Vida, Depressão E Capacidade Laboral Dos Idosos Trabalhadores De Um Hospital De Clínicas**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017.

O crescimento da população idosa, não acompanhado pela melhoria das condições de vida, tem levado os idosos a se manterem ou retornarem ao mercado de trabalho. Este estudo teve como objetivos caracterizar os trabalhadores idosos, identificar indicativos de depressão, classificar a capacidade para o trabalho, mensurar a qualidade de vida, analisar a influência de variáveis demográficas, indicativo de depressão e do índice de capacidade para o trabalho sobre a qualidade de vida. Trata-se de pesquisa descritiva realizada com 81 idosos trabalhadores de um Hospital de Clínicas. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Brasileiro de Avaliação Funcional Multidimensional, Escala Geriátrica de Depressão, WHOQOLBREF, WHOQOL-OLD e Índice de Capacidade para o Trabalho. Os dados foram submetidos à análise descritiva, ao teste t-student, à correlação de Pearson e à regressão linear múltipla, por meio do programa estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão IBM 20.0. Houve prevalência do sexo feminino (67,9%), com idade entre 60 e 69 anos (96,3%) e 61,7% prestavam assistência direta ao paciente. Os problemas de saúde predominantes foram de visão (40,8%), pressão arterial alta (38,2%) e problemas na coluna (37%) e 79% referiram usar medicamento regularmente. A minoria, 6,2%, apresentou indicativo de depressão. Quanto à capacidade laboral, 48,1% referiram ser boa. Quanto à qualidade de vida, as maiores médias referiram-se ao domínio físico (76,76) e à faceta função sensorial (86,94). Quanto à relação entre tipo de atividade exercida e qualidade de vida, o domínio social foi o único que apresentou escore maior (75,80) no grupo que não prestava assistência direta ao paciente. Obteve-se maior média na faceta de função sensorial (69,0) independentemente do tipo de atividade exercida. Todos os domínios apresentaram maiores escores nos entrevistados sem indicativo de depressão e apenas a faceta intimidade apresentou média inferior (72,76). Quanto à capacidade laboral, no domínio físico, psicológico e social houve uma correlação forte ( $r > 0,5$ ) e estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ). As facetas autonomia, atividades passadas, presentes e futuras, participação social e função sensorial apresentaram uma correlação moderada ( $0,3 < |r| < 0,5$ ) e estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ). Os preditores estatisticamente significativos foram capacidade laborativa ( $\beta = 0,51$ ,  $p < 0,001$ ) e indicativo de depressão ( $\beta = 0,31$ ,  $p = 0,001$ ) no domínio físico; no psicológico foram indicativo de depressão ( $\beta = 0,36$ ,  $p = 0,001$ ) e capacidade laboral ( $\beta = 0,24$ ,  $p = 0,02$ ) e no ambiental foi a capacidade laboral ( $\beta = 0,41$ ,  $p < 0,001$ ). O indicativo de depressão apresentou significância na faceta autonomia ( $\beta = 0,23$ ,  $p = 0,04$ ), o ICT nas atividades passadas, presentes e futuras ( $\beta = 0,32$  e  $p = 0,005$ ) e o tipo de atividade exercida na de morte e morrer ( $\beta = -0,13$ ,  $p = 0,02$ ). Tanto o ICT como o indicativo de depressão foram estatisticamente relevantes na faceta de participação social ( $\beta = 0,29$ ,  $p = 0,008$  e  $\beta = 0,25$ ,  $p = 0,03$ ) e na função sensorial ( $\beta = 0,33$ ,  $p = 0,002$  e  $\beta = 0,29$ ,  $p = 0,008$ ). Esse estudo proporciona subsídios para a formação de propostas que visem a melhoria da qualidade de vida, a prevenção de doenças relacionadas ao trabalho, a preservação, manutenção e recuperação da capacidade laborativa do idoso e a reformulação da política de recursos humanos.